



O ArqGrupo:
Trajetórias de um escritório
feminino no Nordeste

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

LETÍCIA TOSCANO DE BRITO FEITOSA

RECIFE

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

LETÍCIA TOSCANO DE BRITO FEITOSA

O ArqGrupo: Trajetórias de um escritório feminino no Nordeste

RECIFE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LETÍCIA TOSCANO DE BRITO FEITOSA

O ArqGrupo: Trajetórias de um escritório feminino no Nordeste

TCC apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Guilah Naslavsky.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Feitosa, Letícia Toscano de Brito.
O ArqGrupo: Trajetórias de um escritório feminino no Nordeste / Letícia
Toscano de Brito Feitosa. - Recife, 2023.
64 : il., tab.

Orientador(a): Guilah Naslavsky
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2023.

1. Arquitetura . 2. História da Arquitetura . 3. Gênero. I. Naslavsky, Guilah.
(Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

Para as incontáveis projetistas
anônimas desta cidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por todo apoio, amor, carinho, cuidado e por me incentivar em minha trajetória acadêmica e, em especial por me apresentarem à literatura feminista desde sempre.

Aos meus avós, pelo exemplo que são, apoio e o carinho necessários nesse processo de conclusão do curso como também pelo caminho até aqui.

A Ricardo, meu companheiro da faculdade e da vida, por me apoiar e me incentivar durante toda esta graduação, pelo carinho e correções deste trabalho.

À Có e Ceci, minhas irmãs, pelas risadas e por fazerem desta caminhada algo mais leve.

À Bibi e à Bisa, que não me viram formar, mas que torceram e acreditaram em mim desde sempre.

À Kátia Costa Pinto, Suely Maciel, Ana Barros (in memoriam), Amélia Reynaldo e Norma Lacerda, por serem as protagonistas dessa história.

À Kátia, João Barros e Amélia Almeida, que abriram as portas de suas casas para enriquecer essa pesquisa. A todos esses pelos seus depoimentos e acervos disponibilizados.

À Guilah Naslavsky, pelas orientações desde às monitorias, como também pelos saberes compartilhados e por despertar em mim a curiosidade acerca da história.

À Malu Mariz, pelos trabalhos no LIAU, que foram indispensáveis no desenvolvimento deste trabalho.

À Rafa Lins, minha amiga e colega do LIAU, pelas conversas e discussões acerca do tema desde o PIBIC até aqui.

À LMA Empreendimentos, sob o comando de Leonardo Monteiro de Albuquerque, pelas ricas experiências no meio profissional e pela compreensão de minhas ausências na reta final de entrega deste trabalho.

Aos funcionários da primeira e terceira regionais, pelo tempo e disponibilidade.

Aos demais amigos e amigas que fiz durante a graduação: Ju, Mari, Beca e Diego.

À Bebel, que desde a escola me acompanha com sua incrível amizade.

À Dinha e Zaira, pela companhia e carinho.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender o contexto histórico e analisar a obra dos escritórios femininos no Nordeste, estabelecidos entre a década de 70 e 80, em específico o escritório ArqGrupo, ativo entre os anos de 1975-2003. Ademais, aborda parte da trajetória profissional das integrantes, que se formaram na Universidade do Recife. Além disso, buscou-se entender quais as soluções adotadas pelo escritório, através da catalogação, categorização e análise de suas obras, como também a alocação de sua prática profissional na historiografia brasileira e pernambucana. A partir da pesquisa em acervos públicos e privados, e de entrevistas com as integrantes e pessoas próximas, conjuntamente com a análise das obras e revisão da literatura, pode-se observar como a perspectiva de gênero contribuiu para a invisibilização da prática profissional das arquitetas.

Palavras-chave: Arquitetura; Gênero; História.

ABSTRACT

This current work aims to comprehend the historical context and analyze the work of female architectural firms in the Northeast region of Brazil, established between the 1970s and 1980s, with a specific focus on the ArqGrupo firm, active from 1975 to 2003. Furthermore, it delves into the professional journey of its members, who graduated from the University of Recife. Additionally, it seeks to understand the solutions adopted by the firm through the cataloging, categorization, and analysis of their projects, as well as the placement of their professional practice within Brazilian and Pernambuco historiography. Through research conducted in both public and private archives, interviews with the members and close associates, and a thorough examination of their works alongside a literature review, it becomes evident how a gender perspective contributed to the invisibility of the architects' professional practice.

Keywords: Architecture; Gender; History.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 O ESCRITÓRIO	14
2. OBJETIVOS	16
3. METODOLOGIA	16
4. AS ARQUITETAS	19
5. O ESCRITÓRIO E O SEU LEGADO PROFISSIONAL	26
5.1 FASE I: EXPERIMENTAÇÕES: REGIONALISMO + BRUTALISMO -1975-1980	27
5.2 FASE II: ESCULTÓRICA - 1980-1990	38
5.3 FASE III: ANALÓGICA - 1990-2003	47
6. O EDIFÍCIO SÍNTESE	51
7. CONCLUSÃO	61
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Estudantes de arquitetura da FAUR	13
Figura 02: As integrantes fixas do escritório. Da esq. para Dir. Kátia Costa, Ana Barros e Suely Maciel	14
Figura 03: Mapeamento das obras, endereços, ano de projeto e uso	16
Figura 04: Fotografia da carteira estudantil de Ana Barros em 1971	19
Figura 05: Escultura de Ana Barros Localizada no Edifício Baraúna	21
Figura 06: Suely Maciel no escritório, s.d.	22
Figura 07: Norma Lacerda enquanto estudante do curso	22
Figura 08: Amélia Reynaldo enquanto estudante do curso	23
Figura 09: Kátia Costa Pinto s.d.	24
Figura 10: Ambientação do ArqGrupo, pensada por Kátia Costa Pinto	25
Figura 11: Fotografia da fachada frontal do Edifício Veredas	29
Figura 12: Planta baixa do Pavimento-tipo do Edifício Veredas, com sobreposições da autora	30
Figura 13: Planta do Pavimento pilotis do Edifício Veredas, com sobreposições da autora	30
Figuras 14 e 15: A entrada lateral, ou paralela ao sentido da rua, cuja visada é a escultura	31
Figura 16: Fotografia do Edifício Kimolos	32
Figuras 17 e 18: Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Kimolos e dos Edifícios Barão de Rio Branco e Amapá de autoria do arquiteto Defim Amorim	33
Figura 19: Planta do Pavimento pilotis do Edifício Kimolos, com sobreposições da autora	34
Figura 20: Fotografia do Edifício Sagarana	35
Figura 21: Planta do Pavimento pilotis do Edifício Sagarana, com sobreposições da autora	36
Figuras 22 e 23: Fotografias das fachadas posterior e lateral do edifício, evidenciando o “envelopamento” por tijolos	37
Figura 24: Detalhe do espaço entre forro e vedação	37
Figura 25: Fotografia do Edifício Monjolo, com sobreposições feitas pela autora	39
Figura 26: Planta do Pavimento-tipo do Edifício Monjolo, com sobreposições da autora	40
Figura 27: Fotografia da circulação vertical curva que leva ao mezanino. Observa-se detalhe da fresta, ela não encosta no forro em madeira	41

Figuras 28 e 29: Fotografias do Monjolo e Villa Mariana, respectivamente. Evidencia-se nessas fotografias a sua similaridade	41
Figuras 30 e 31: Planta do pavimento tipo do Edifício Villa Mariana e planta do pavimento tipo do Edifício Monjolo, respectivamente, artifícios topológicos destacados, como nichos, presença de varandas e jardineiras lineares	42
Figura 32: Fotografia da fachada voltada à rua do Edifício Flor de Santana	44
Figura 33: Planta de Pavimento-tipo do Edifício Flor de Santana com sobreposições da autora	45
Figura 34: Fachada posterior do Edifício Flor de Santana com sobreposições da autora	45
Figuras 35 e 36: Esquinas envidraçadas evidenciadas pela autora em vermelho no Edifício Mirage de autoria do arquiteto Acácio Gil Borsoi; Esquina envidraçada vista no Edifício Flor de Santana a partir do apartamento	46
Figura 37: Escada que leva até a área social do edifício	46
Figura 38: Fotografia do Edifício Canon Trade center, com sobreposições feitas pela autora evidenciando a divisão base-corpo-coroamento	48
Figuras 39 e 40: Primeira obra de Mario Botta em Ransila Edifício Canon trade Center em ângulo que favorece o detalhe da escada	49
Figura 41: Localização dos espaços servidores no edifício	50
Figura 42: Entrada do Edifício Baraúna	52
Figuras 43 e 44: Projeto da escultura de autoria da arquiteta Ana Barros; A escultura executada	52
Figura 45: A portaria do Edifício	53
Figuras 46 e 47: Passeio arquitetônico oferecido pelo edifício; A escada do edifício sob a perspectiva de quem sobe	54
Figura 48: O Edifício visto ao longe, da Avenida 17 de agosto, se ergue como um monolito	54
Figura 49: Esquema de formação da volumetria resultante	55
Figura 50: A luz que invade o ambiente a partir da desconexão	56
Figura 51: Esquema de diferenciação de setores	57
Figura 52: Peitoris ventilados	58
Figura 53: Quadro do artista Samico	58
Figura 54: Ambientação composta por cerâmicas múltiplas	59
Figuras 55 e 56: Detalhe da iluminação em como continuação da janela ou do nicho	59
Figura 57: Os mobiliários, as tapeçarias e os itens decorativos	60

Figura 58: Carimbo da prancha do projeto do Edifício Sagarana onde apresenta as integrantes enquanto arquitetas mesmo sendo todas mulheres, evidenciando sua condição de insider e outsider simultânea 61

1. INTRODUÇÃO

Segundo Lima, 2013, no mundo ocidental, a sociedade, cultura e modos de produção foram, essencialmente, concebidos e instaurados pela porção masculina da humanidade. O panorama começou a se modificar substancialmente somente neste século, quando as mulheres finalmente adquiriram direito à cidadania, oportunidades iguais de acesso à educação em todos os níveis, podendo tornar-se independentes e seguir uma profissão. No entanto, apesar dos grandes avanços, ainda é possível enxergar diferenças de ocupação nos papéis de poder na sociedade, sendo predominada por homens.

O movimento moderno nas artes no início do século XX estava atrelado à mudança, à ruptura, e representado por figuras masculinas, centralizadas como os “heróis”. Dessa forma, as mulheres por serem relacionadas ao ambiente doméstico não eram os atores imaginados para estas mudanças pois representavam o conforto, o lar, e formas de viver que não estavam de acordo com os ideais propostos por eles. (Hayne, 2013 p.2). Até mesmo em contextos menos conservadores, como a escola Bauhaus, a entrada das mulheres era restrita, havia áreas em que sua atuação era predominante como a área de tecelagem, mobiliários.

Porém, foi em uma das áreas menos receptivas às mulheres em que a designer Marianne Brandt projetou uma das peças mais emblemáticas da Bauhaus, um bule, dito como síntese da tradição e do moderno.

No entanto, as áreas como arquitetura e pintura contavam com maior parte de gênero masculino, sendo estas áreas de maior prestígio da escola. Dessa forma, nota-se que as áreas em que há o destaque feminino são associadas ao lar e ao ambiente doméstico. Assim como na Bauhaus, ocorreu um processo similar no campo da arquitetura, pois foram estes espaços atrelados ao doméstico que foram delegados às profissionais que se formavam naquela época e a justificativa era o maior conhecimento acerca deste ambiente e seus fenômenos.

“Dentro e fora do âmbito acadêmico, as mulheres se questionavam sobre sua condição e suas perspectivas na sociedade atual. Esta foi a motivação para o início das investigações sobre as origens das atribuições impostas às mulheres. Nos países desenvolvidos do Ocidente, este trabalho encontra-se bastante desenvolvido. Na América Latina, ainda temos um longo caminho a percorrer.”
(LIMA, 2013, p. 11)

A partir da década de 1960, as mulheres passaram a atuar de forma mais expressiva no mercado de trabalho em arquitetura (LIMA, 1999).

No entanto, mesmo que a visibilidade



01. Estudantes de arquitetura da FAUR
Fonte: Memorial Denis Berdardes, s.d.

do trabalho das arquitetas tenha se ampliado nos últimos anos, tornando-se mais comum a presença de mulheres em variados campos, tais como a arquitetura das escolas, centros escolares e interiores, as arquitetas ainda são minoria em cargos de liderança e nas premiações de renome na área. (LIMA, 2013)

No Brasil, é possível observar a relação de maior predominância entre a atuação no campo da habitação e o sexo feminino. No caso da região Nordeste, especificamente em Pernambuco, como demonstra a pesquisa “Arquitetas no Nordeste brasileiro: migrações, gênero e regionalismo” (NASLAVSKY, 2018) o número de mulheres formadas como arquitetas cresceu principalmente em meados dos anos 1970.

Porém, por muitas vezes tiveram de optar por diversos meios para se fixarem no mercado enquanto profissionais, como por exemplo associar-se a escritórios liderados por homens e atuar em diversos campos além do projeto arquitetônico, como design de interiores, urbanismo paisagismo, conservação do patrimônio, serviço público e o ensino (VALENÇA, 2022). De acordo com Wright in Kostof, 1977, essas áreas eram consideradas por seus colegas homens como secundárias e periféricas, o que nos permite traçar uma relação entre escolhas profissionais e campos de atuação.

1.1 O ESCRITÓRIO



02.As integrantes fixas do escritório. Da esq. para Dir. Kátia Costa, Ana Barros e Suely Maciel
Fonte: Acervo pessoal Suely Maciel, 2020

As arquitetas do escritório ArqGrupo, Amélia Reynaldo, Ana Lúcia Barros, Kátia Costa Pinto, Norma Lacerda e Suely Maciel apresentam produção projetual relevante, tanto pelo seu volume de obras executadas quanto pelo que estas representam, em termos disciplinares. Rompendo a limitação de gênero que apontamos anteriormente, esse escritório, fundado em 1975 e atualmente inativo, formado exclusivamente por mulheres, atuou profissionalmente com versatilidade, tendo desenvolvido desde projetos empresariais até concursos urbanísticos. Além disso, atuaram

também como projetistas de edifícios residenciais e na ambientação de interiores.

No campo urbanístico, o ArqGrupo se destacou ao participar e figurar entre os primeiros lugares nos concursos para a cidade de São Paulo, chegando inclusive a ser o ganhador do concurso Ideias para renovação Urbana e preservação do bairro do Bexiga, em 1989. A equipe era coordenada por uma de suas integrantes, Amélia Reynaldo e contou com a participação do escritório de Vital Pessoa de Melo, parceria que se tornou habitual, ocorrendo novamente nos anos de 1996 e 1997, dessa vez no Concurso de Valorização Urbana da Avenida Paulista e no Concurso de ideias e diretrizes urbanísticas que direcionassem as intervenções do poder público e privado na região central de São Paulo.

No campo da arquitetura, atuaram em diferentes cidades do Nordeste, como em Recife, Olinda, Paulista (PE), Maceió (AL), Natal (RN) e Salvador (BA), numa produção variada em que os edifícios residenciais multifamiliares se destacam, assim como o uso de espacialidades e materiais diversos, que compõem a identidade visual do escritório. Apesar da vasta e relevante produção arquitetônica as arquitetas do ArqGrupo são desconhecidas na historiografia nacional da arquitetura,

sem haver sequer um acervo disponível para o público com suas obras. Isto converge com o que apontam Naslavsky e Valença:

“As trajetórias de arquitetas que atuaram no Nordeste brasileiro e fizeram dessa região seu campo de pesquisa, ainda permanecem em sua maioria ausentes ou excluídas da historiografia da arquitetura nacional, sobretudo, se considerarmos a enorme quantidade de trabalho feito na região, especialmente, aquelas que fizeram da cultura do Nordeste o seu campo de conhecimento, pesquisa e atuação profissional.” (NASLAVSKY, VALENÇA, 2019 p.1)

Dada a situação apresentada, a investigação sobre sua obra faz-se oportuna no intuito de sanar um problema historiográfico, que segundo Waisman, 2011, se configura como a escolha da narrativa de um fato histórico sob uma perspectiva particular de um historiador. Neste contexto, optou-se por evidenciar essas arquitetas enquanto atrizes da história da arquitetura pernambucana e brasileira onde, assim como na nova história, há espaço para que novos fatos históricos possam ser narrados de diferentes perspectivas. A história deixa de ser uma série de acontecimentos lineares e passa a ser uma teia de acontecimentos interligados, ora simultâneos, ora espaçados.

Além disso, recai sobre o que combate Lima em seu livro *Arquitetas e*

Arquitetas na América Latina no século XX, 2013, onde opta-se por contar a história não só das “super-arquitetas”, mas de todas as personagens que influenciaram na construção das cidades. Mesmo sem ser as super-arquitetas elencadas por LIMA, 2013; GÁTI, 2021 as classificaria enquanto arquitetas excepcionais.

“No caso das mulheres, diferentemente dos homens, que obtiveram sucesso majoritariamente como projetistas de arquitetura, as arquitetas excepcionais aqui são também projetistas, e ainda arquitetas de interiores, designers, urbanistas, docentes, atuaram na conservação do patrimônio histórico, etc. (GÁTI, 2021,p.14)

Apesar de suas habilidades, cabe reconhecer que as arquitetas do ArqGrupo se encontram em uma posição de dupla alteridade (NASLAVSKY, CAMAROTTI, 2019) além da falta de interesse de inserção no cânone da arquitetura brasileira devido ao fato de serem mulheres e seus campos, automaticamente considerados como menores e de investigação suficiente, estão em uma região do Brasil vista por muitos como um antro de pobreza intelectual e econômica. Assim, mapeou-se os edifícios do escritório com os seus respectivos endereços, ano de construção e uso. No intuito coleta para a análise proposta nos capítulos posteriores.

1- Dentre as principais recepções acadêmicas e profissionais do grupo, podem-se citar Janete Costa, Delfim Amorim, Acácio Gil Borsoi, Armando de Holanda e Vital Pessoa de Melo que fizeram parte de sua formação acadêmica na Universidade Federal de Pernambuco, antes a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife - FAUR.

OBRA	ANO	LOCAL	USO
Ed. Veredas	1975	Av. Visconde de Jequitinhonha, 604	Residencial
Kimolos	1977	R. João Ramos, 285	Residencial
Espaço 21	1979	Aldeia	Residencial
Pátio de Santo Amaro	1979	Jaboatão dos guararapes	Residencial
Projeto de urbanização da estrada da luz	1979	Jaboatão dos guararapes	Residencial
Loteamento Ponto alto Gravatá	1980	Gravatá	Residencial
Ed. Paulo VI	1980	R. Sta Lúcia, 120	Residencial
Ed. João XXIII	1980	Av. Beira mar,3455, Olinda	Residencial
Ed. Pio XII	1980	R. do Espinheiro,800	Residencial
Edf. Monjolo	1981	Rua Jorge Albuquerque, 200	Residencial
Ed. Marcelo II	1981	R. da Amizade,217	Residencial
Ed. Adriano I	1981	Av. Carlos de Lima Cavalcanti,1305, Olinda	Residencial
Ed. Sagarana	1981	R. Jader Andrade,301	Residencial
Ed. Urbano V	1981	R. Afonso Batista, 175	Residencial
Ed. Itajaí	1982	R.Artur Wanderley, 450	Residencial
Ed. São Bento	1982	R. Edmar Moury ,75, Olinda	Residencial
Ed. Júlio II	1982	Estrada de Belém, 190	Residencial
Ed. São Marcos	1982	R. Barão de Itamaracá, 98	Residencial
Ed. Vitor II	1983	R. Cardeal Arcoverde, 116	Residencial
Fabiano I	1983	R. Eng. Mário de Gusmão, 1335, Maceió	Residencial
Edf. Flor de Santana	1983	Av. Flor de Santana, 139	Residencial
Dom Moura	1983	Rua Conde D'eu, 64	Residencial
Felix II	1984	Av. José Augusto Moreira,770, Olinda	Residencial
Ed.Paulo VI	1985	Av. Durval Guimarães, 225, Maceió Rua Amapá, 51	Residencial
Edf. Pascoal II	1987		Residencial
Edf. Marino II	1987	Rua Desembargador Martins Pereira, 257	Residencial
Concurso para o bairro do Bexiga	1989	Bairro do Bexiga, São Paulo	Não definido
Edf. Ceará	1990	Rua Santana, 26	Residencial
Ed. Baraúna	1990	Av. 17 de Agosto, 1820	Residencial
Edf. Alexandre II	1991	Félix de Brito e Melo, 912	Residencial
Canon Trade Center	1992	Av. Agamenon Magalhães, 2997	Comercial/ serviços
Ed. Amazonas	1992	R Manoel Graciliano de Souza, 565 Olinda	Residencial
Ed. Fabiano I	1993	Rua Francisco da Cunha, 1065	Residencial
Ed. Felipe II	1995	Rua Francisco de Barros Barreto, 193	Residencial
Concurso de valorização urbana da Av. Paulista	1996	Av. Paulista, São Paulo	Não definido
. Ideias Para o Novo Centro de São Paulo	1997	Centro de São Paulo	Não definido
Edf. F. Pessoa de Queiroz	1999	R. Conselheiro Portela, 243	Residencial
Ed. Nicolau II	2000	R. Quarenta e oito, 434	Residencial

03. Mapeamento das obras, endereços, ano de projeto e uso
Fonte: Letícia Toscano, 2023

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar a produção arquitetônica do Arqgrupo e de suas integrantes de forma isolada, visando sua inserção na historiografia pernambucana e nacional.

Objetivos específicos:

- Analisar o percurso profissional das integrantes do escritório, observando como suas funções e habilidades repercutiram dentro do escritório.
- Analisar as fases em que a atuação do escritório se dividiu, relacionando-as no momento histórico em que se encontram, e a partir disso traçar relações entre sua produção e outros escritórios já estabelecidos na historiografia da arquitetura regional, nacional e internacional.
- Identificar, a partir da revisão da historiografia tradicional da arquitetura, outras narrativas que, apesar de serem tão importantes quanto as que mais se destacam, tiveram sua importância diminuída a um papel secundário, por uma questão de gênero.
- Elaborar o mapeamento das obras das arquitetas com os respectivos endereços, ano de construção e uso
- Com esse estudo espera-se que a trajetória dessas arquitetas seja reconhecida de forma individual e coletiva.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos deste trabalho de conclusão optou por utilizar a metodologia de pesquisa de fontes primárias, por meio de entrevistas semiestruturadas, no qual a entrevistadora segue um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, coleta de informações documentais, fotográficas e arquitetônicas mediante o acesso a acervos pessoais e públicos.

Foram realizadas entrevistas com todas as arquitetas do escritório, com exceção da arquiteta Ana Barros devido ao seu falecimento. No entanto, para a uma aproximação da trajetória da arquiteta, foram entrevistados seu ex-marido João Cabral Barros e sua filha mais nova Joana Barros.

Em acervos pessoais buscou-se por fotografias das ambientações, dos edifícios projetados e pranchas dos concursos nos quais participaram. Houve também a busca pela documentação desses edifícios nas regionais Centro, Norte, Oeste e Sul no intuito de fotografá-la e planificá-la para a análise adequada das espacialidades propostas pelas arquitetas.

Paralelamente, houve um estudo de base bibliográfica sistematizada entre artigos, teses de mestrado, revistas

especializadas e jornais da época, nas edições de 1970-1990 pela plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira, de forma a identificar outras informações sobre quais projetos eram referenciados às arquitetas.

A catalogação e organização dos dados levantados se deu por autoria, momento de elaboração dos projetos, localização geográfica e por campo de atuação, elaborando assim fichas dos edifícios projetados por elas. Assim, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo aborda-se as trajetórias das integrantes do escritório, desde o ingresso na faculdade, ressaltando tanto sua obra coletiva quanto seus desdobramentos individuais.

No segundo capítulo aborda-se o escritório de forma geral, evidenciando sua metodologia de projeto e quantitativos relacionados a sua produção. A partir destes dados foi possível dividir a trajetória do escritório em 3 fases, sendo estas:

1. Experimentações: Regionalismo + Brutalismo , de 1975-1980;
2. Escultórica, de 1980-1990
3. Analógica, de 1990-2003

Em cada fase foram elencados alguns edifícios para análise, onde tem-se a

2- Obra total é um termo cunhado pela Bauhaus e refere-se a junção de todas as modalidades artísticas concentradas em uma obra, sendo espacializada através da arquitetura moderna.

evidência de elementos característicos do vocabulário de soluções do escritório. Sendo eles: Implantações em diagonais; O uso dos materiais em sem revestimento; Relação de transparência entre interno e externo; O uso de volumetrias incrustadas; As varandas como elemento de subtração ou adição; A relação entre cheios e vazios expressa nos âmbitos bidimensionais e tridimensionais; A divisão do Edifício em base, corpo e coroamento; Emolduramento de fenestrações; Diálogo com a crítica pós-moderna. Tem-se a análise desses elementos ilustradas em esquemas, como também reflexões embasadas sob um arcabouço bibliográfico.

Por fim, no terceiro capítulo, elencou-se um Edifício para representar toda a obra do escritório, obtendo-se uma análise mais profunda. A escolha desse edifício se deu por apresentar todos os elementos supracitados, como também o reconhecimento do edifício enquanto de uma obra total

4. AS ARQUITETAS

Neste tópico optou-se por abordar não só a trajetória do escritório, como também a trajetória das arquitetas que o compuseram, evidenciando seus projetos para além da obra coletiva no intuito de entendê-las em sua totalidade como profissionais e evidenciar sua contribuição no processo de construção da cidade.

“Admitindo que o fato de ser homem ou mulher não interfira diretamente na qualidade da produção da arquitetura, a menor participação da mulher neste campo torna-se algo difícil de explicar”. (LIMA, 2013 p.14). Esse fenômeno de invisibilização das trajetórias das arquitetas relatadas por Lima, continua a acontecer, portanto esse tópico busca corrigir parte desta invisibilização, destacando a história dessas personagens.

ANA LÚCIA EPAMINONDAS DE BARROS (1947 - 2011)



04. Fotografia da carteira estudantil de Ana Barros em 1971

Fonte: Acervo Joana Barros, 2023

Ana Lúcia Feitosa de Barros nasceu em 1947 na cidade de Betânia em Pernambuco, mudou-se para Serra Talhada e por fim, migrou para Recife ainda criança. cursou os anos letivos correspondentes ao ensino médio e, logo após continuou com o magistério, capacitando-se para lecionar.

Porém, percebe que não gostaria de continuar naquela área e passa um ano estudando para o vestibular de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife - FAUR. Em 1969 tem êxito e inicia o curso em 1970. Durante este período, evidencia-se um interesse voltado às artes plásticas, em específico a escultura, como também pela cadeira de plástica ministrada pelo professor Delfim Amorim.

Durante a graduação, Ana foi selecionada para estagiar na Prefeitura do Recife, no setor da Assessoria de Planejamento, onde atuou na área de urbanismo e planejamento, assim como sua colega Amélia Reynaldo. As demais integrantes que passaram neste concurso, Suely Maciel e Norma Lacerda foram alocadas para outro setor. A partir deste estágio surge então um vínculo entre Ana e Amélia, fundamental para a criação do ArqGrupo posteriormente. Além disso,

estagiou em escritórios renomados da cidade como o Escritório do arquiteto Armando de Hollanda, de onde levou conhecimentos preciosos do livro Roteiro para construir no Nordeste, evidentes em sua prática arquitetônica.

Em 1973 forma-se como arquiteta e artista plástica, ano em que passa a figurar como autora de ambientações em prédios residenciais da Zona Norte do Recife. Devido a sua inclinação às artes plásticas, transmite a linguagem da escultura no projeto dos edifícios, com mais evidência nos exemplares em que teve maior protagonismo e nos edifícios que projetou de maneira solo. Em 1975, ao lado de Suely Maciel, Kátia Costa Pinto, Amélia Reynaldo e Norma Lacerda, fundou um escritório, que viria a ser chamado de ArqGrupo. Neste escritório destacava-se na área de arquitetura, especialmente na volumetria do prédio e em sua composição, desde a implantação até o detalhe das esquadrias.

Além do ArqGrupo atuou também de forma solo, como por exemplo no projeto do edifício Kimolos, de 1977. Onde percebe-se a solução em “H” para a implantação, porém disposta em diagonal, como também a presença do saque dos volumes das varandas.

Em decorrência da Lei nº 13.957 (Diagnóstico das Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural” | ZEPH, 2019, p.4) que estabelece as normas gerais de proteção e disciplina para preservação desses bens, classificados como Zona de Preservação (ZP) houve a necessidade da criação do Departamento de preservação dos sítios históricos - DPSH vinculado a Autarquia de Urbanização do Recife - URB, ao qual, em 1979, Ana Lúcia Barros e Amélia Reynaldo foram aprovadas para o cargo de arquitetas, onde desenvolveram trabalhos significantes para o campo do restauro, como por exemplo a restauração da Faculdade de Direito do Recife coordenada pela arquiteta Amélia Reynaldo em 1982.

Decorrente da atuação destas arquitetas no DPSH, foram desenvolvidos 31 outros trabalhos de restauro em sítios históricos, onde pode-se destacar a casa grande do Engenho do Barbalho e casa grande do Engenho do Cordeiro. Entretanto, ao final da década de 1980, foram responsáveis pela reabilitação e restauração do Bairro do Recife e das demais áreas históricas como os bairros de Santo Antônio e São José numa ação conjunta do DPSH e IPHAN conforme destaca REYNALDO, 2020:

3- Sendo descrito por Amélia Reynaldo em entrevista concedida à autora como um "Laboratório muito, muito importante", pois foi a partir das lições aprendidas neste projeto que se obteve o início “política de restauro municipal”.

“Até que finalmente teve o nosso salto, que foi a questão da revitalização do centro que já foi o governo de Jarbas Vasconcelos em 1986, em 1987. Em 1988 já muda porque foi aquele governo de pouco tempo que tivemos a revitalização do centro e todos os bairros centrais de coordenar o comércio ambulante, da manutenção e finalmente a reabilitação do bairro do Recife que foi eu diria assim o ápice do DPSH e dentro do processo de construção dessa ideia de uma política municipal de preservação”. (REYNALDO, 2020)

Outra contribuição relevante das arquitetas consiste na elaboração da Lei nº 16.284 de 1997, uma lei complementar a Lei nº 16.176 de 1996, que estabelece a ideia de Imóvel especial de preservação - IEP que visa contribuir para conservação histórica arquitetônica e passa a atuar como mecanismo de controle para o processo de crescimento desenfreado da cidade. Os IEP's são imóveis que não estão nas zonas de preservação, porém, apresentam atributos vistos como necessários para se obter a sua preservação tais como: Estilo arquitetônico, referência artística e simbólica para o bairro e valor simbólico para a comunidade. Partindo dessas premissas, foram pré-selecionados 354 imóveis, a partir do estudo de Guilah Naslavsky (“Estudo do Protorracionalismo no Recife”) e outras pesquisas focadas na produção de arquitetura modernista no Recife.

Após o fim do ArqGrupo, em 2003, último ano em que foi coletado projeto assinado pelo escritório, Ana Lúcia continua sua carreira de arquiteta e artista plástica, sendo o metal seu principal material de expressão. É possível perceber algumas influências em seu trabalho dos artistas Lygia Clark e Amilcar de Castro.



05. Escultura de Ana Barros Localizada no Edifício Baraúna
Fonte: Letícia Toscano, 2023

4- Trecho também retirado da entrevista concedida à autora

5- Ano em que Ana Lúcia Barros tinha cargo como coordenadora geral da URB e o arquiteto Ricardo Jorge Pessoa de Melo a coordenação técnica do órgão (DANTAS, 2019 p. 135)

SUELY JUCÁ MACIEL (1950-)



06. Suely Maciel no escritório, s.d.
Fonte: Suely Jucá Maciel, 2023

Suely Thomé Jucá, nasceu em 1950 em Recife escolheu o campo da arquitetura influenciada por suas amigadas e por um teste vocacional, que apontou uma tendência às áreas sociais. Na época chegou inclusive a prestar vestibular para economia, porém foi a arquitetura que a conquistou, assim como sua colega Norma Lacerda que conhecia desde o ensino fundamental.

Em 1969 é aprovada no vestibular para curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife, iniciando em 1970, ano em que foi selecionada em um processo seletivo para estagiar na Prefeitura do Recife, assim como suas colegas Ana Barros e Amélia Reynaldo. Desde o início houve um real encantamento com o curso, principalmente pelo professor Delfim Amorim, que ministrava a cadeira de plástica. Estagiou também no escritório de Vital Pessoa de Melo entre os anos de 1970-1973 e formou-se como arquiteta em 1973. Recém-formada, Suely passou dois anos em

Volta Redonda, Rio de Janeiro, onde trabalhou em diversos campos, inclusive na habitação social. Ao retornar a Recife, se junta a um núcleo já estabelecido por Ana Lúcia, Amélia Reynaldo e Kátia Costa, formando o ArqGrupo. Com isso após intensos anos de produção projetual, Suely se volta para o urbanismo, para a cidade, e junto com Amélia Reynaldo, passa a trabalhar na prefeitura de Olinda. Atualmente atua como consultora do Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro e está cursando uma pós graduação em Docência do Ensino Superior pela faculdade Guararapes.

NORMA LACERDA GONÇALVES (1950-)



07. Norma Lacerda enquanto estudante do curso
Fonte: Rafaela S. Lins, 2021.

Norma Moura Lacerda de Melo nasceu em 1950 no bairro de Casa Amarela, em Recife. Escolheu a arquitetura, entrando no curso no ano de 1970, mesmo ano em que passou a estagiar na prefeitura do Recife. Durante sua graduação relatou, em entrevista, uma certa tensão em relação ao gênero, embora tenha imensa admiração pelo corpo

docente da época. Formou-se em 1973 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife.

Em 1978 passou a integrar ao ArqGrupo e em 1981 iniciou seu mestrado em desenvolvimento urbano na UFPE. Já no ano de 1982 foi convidada a participar de uma equipe interdisciplinar também na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, onde assume cargo de Coordenadora da equipe técnica responsável pelo acompanhamento e avaliação do Programa de Regiões Metropolitanas do Nordeste (Recife, Salvador e Fortaleza), financiado pelo Banco Mundial. Em 1985 concluiu mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco e, a partir de 1987 integra ao corpo docente da UFPE. Já em 1993 concluiu o doutorado em Géographie Aménagement Et Urbanisme na Université Sorbonne Nouvelle, em Paris (MARIZ,2019).

Atualmente atua como professora titular na Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, fazendo contribuições valorosas à cidade no campo do planejamento urbano, com ênfase nas dinâmicas vigentes acerca do mercado imobiliário

e sua influência na formação da malha urbana.

AMÉLIA MARIA DE OLIVEIRA REYNALDO (1950-)



08. Amélia Reynaldo enquanto estudante do curso
Fonte: Guilah Naslavsky, 2023

Amélia Maria de Oliveira Carvalho, nascida em 1950 em Recife, Pernambuco, passou no vestibular de Arquitetura em 1969 na FAUR. Durante o curso, em 1970 estagiou na prefeitura do Recife, no setor de Assessoria e planejamento onde diz ter aprendido valiosas lições com o seu primeiro chefe, o engenheiro Edgar Amorim.

Formou-se em 1973 e logo após sua formatura, trabalhou por três anos com Vital Pessoa de Melo e, em 1976 passou a integrar o ArqGrupo. No entanto sua atuação dentro do escritório se dá de forma itinerante, pois a arquiteta se voltou ao campo da preservação e do urbanismo, deixando o grupo de forma fixa na década de 1980.

Durante a década de 1980, se destaca

6- Também foi diretor do curso de arquitetura enquanto as arquitetas eram alunas. Fato relatado por Amélia Reynaldo em entrevista, 2021

sua atuação enquanto funcionária da prefeitura, especificamente no setor do DPSH, onde foi responsável pelos restauros de inúmeros prédios icônicos da paisagem recifense, tais como: A Faculdade de Direito do Recife e o Teatro Santa Izabel. Porém tem por maior contribuição neste campo, a reabilitação e restauração do Bairro do Recife e das demais áreas históricas, como os bairros de Santo Antônio e São José.

Voltou ao ArqGrupo no final da década de 1980 para coordenar os concursos urbanísticos sendo eles: Concurso para a Preservação Urbana e Renovação do Bairro do Bexiga (1989), ano em que foram vencedoras; o Concurso de Valorização Urbana da Avenida Paulista (1996) e, por fim Concurso de ideias e diretrizes urbanísticas focando intervenções do poder público e privado para região central de São Paulo.(1997), figurando entre segundo e terceiro lugares nos dois últimos. Em 1998 concluiu doutorado pela Universitat Politècnica de Catalunya que culminou na publicação de seu livro, As catedrais continuam brancas (2017). Atualmente atua como professora do curso de Arquitetura na Universidade Católica de Pernambuco e consultora na prefeitura da cidade do Recife.

KÁTIA COSTA PINTO (1950-)



09. Kátia Costa Pinto s.d.
Fonte: Acervo Suely Maciel, 2020

Kátia Maria Góes da Costa Pinto nasceu em 1950 na cidade de Maceió, Alagoas. Demonstrou desde cedo uma inclinação à arquitetura, refletida na brincadeira de arrumar a casinha de bonecas, assim como a arquiteta Ana Lúcia Barros, Kátia formou-se professora primeiramente e depois partiu para a arquitetura, formando-se em 1974 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Recife. Durante sua graduação estagiou no escritório Arquitetura 4. Em 1975, teve a oportunidade de trabalhar no detalhamento do Edifício Veredas, sob a orientação da arquiteta Risale Neves. Estabelecendo assim o primeiro contato com o ArqGrupo, que viria a se juntar logo em seguida. Dentro do escritório, Kátia era responsável pela criação das ambientações, juntamente à Ana Barros, como também pelo detalhamento dos elementos construtivos.



10. Ambientação do ArqGrupo, pensada por Kátia Costa Pinto
Fonte: Acervo Kátia Costa Pinto, 2023

Após o encerramento do escritório em 2003, Kátia voltou-se à capacitação de artistas, onde venceu o prêmio SEBRAE Top 100, como também deu continuidade às ambientações, dessa vez de forma isolada, onde ganhou destaque diversas feiras de decoração, sendo premiada inclusive no Salão de Design de Pernambuco em 2004 pelo seu revestimento K. Atuou também como criadora de adereços e mobiliários em aço e, atualmente atua como artista criadora de colares em tecido.

5. O ESCRITÓRIO E SEU LEGADO PROFISSIONAL

Em Recife, entre as décadas de 1960-1970 esta revisão do moderno se estabeleceu no ambiente acadêmico-profissional. Onde os atores da construção da cidade eram os responsáveis pela formação de uma nova geração de arquitetos, fazendo seus ensinamentos fossem perpetuados ao longo da história. Nesse contexto surgiram algumas fórmulas de adaptação do moderno corbusiano para as novas demandas da questão regional.

A produção arquitetônica do ArqGrupo se encaixa neste contexto historiográfico de revisão do moderno. Ou seja, tem-se a revisão das “panacéias arquitetônicas” as soluções que eram dadas como pertinentes a qualquer contexto e, conseqüentemente, o crescimento de um sentimento anti-moderno (SEGAWA, 2010). Tem-se então a emergência do regionalismo crítico, que se utiliza de materiais e técnicas locais de construção.

No entanto, cabe salientar que o termo regionalista ou regional, muitas vezes encobre outros aspectos mais profundos da obra (NASLAVSKY, 2004). Para além do modo de construir, revisou-se também a maneira de como encaixar os movimentos e as obras na

historiografia e, segundo Waisman, existem alguns mecanismos para se discutir a historiografia na América Latina de maneira adequada. Seriam as noções de Região e Tipologia.

“A noção de região, que permite a possibilidade de divergência dos rumos da história geral, e a possibilidade de traçar caminhos alternativos aos da sociedade global. Possibilidade de desenvolver o que se pode chegar a ser, a partir do que se é.” (WAISMAN, 1977 apud. Lima 2013, p. 32)

Ao substituir a noção de periferia pela noção de região deixa-se de esperar um padrão já imposto pelo centro e passa-se a obter padrões próprios, aspirações e possibilidades, sendo assim uma valorização de um processo já ocorrido. (WAISMAN, 1989 apud. LOPEZ, 2022 p. 18)

Já a noção de tipologia é proposta no sentido de elaborar uma linha cronológica própria utilizando-se tanto das influências externas, como do contexto local, criando assim, “Um critério de periodização e de ordenamento de material histórico, objeto de estudo e base para a análise crítico-histórica dos feitos arquitetônicos”. (LIMA, 2013 p. 32) Porém esta noção está intrinsecamente ligada ao conceito de significado e este significado nada mais é do que a correlação entre o objeto e seu contexto, portanto, para analisar uma

obra é preciso levar em conta alguns fatores, como: “processo de desenho, processo de produção, sua inserção na trama urbana e sua relação com a identidade nacional”. Ou seja, o objeto jamais pode ser compreendido de forma isolada, asséptica, estilística é preciso levar em conta sua trajetória até o estado atual, tendo em vista fatores econômicos, sociais e territoriais, caso contrário perderia toda a sua complexidade e relevância. (LIMA, 2013)

Assim, por não ter havido essa construção historiográfica no princípio, alocar os significados torna essa linha cronológica algo coeso e passível de novas análises e inserções. Para além da análise historiográfica dos edifícios, foram levados em conta os seguintes critérios:

1. Estratégias compositivas
2. Técnicas e materiais construtivos
3. Volumetria

Com isso, foram estabelecidas três fases do escritório:

1. Experimentações: Regionalismo + Brutalismo - 1975-1980
2. Escultórica - 1980-1990
3. O pós- modernismo em voga 1990-2003

5.1 EXPERIMENTAÇÕES: REGIONALISMO + BRUTALISMO (1975-1980)

No Brasil, a década de 70 foi caracterizada pela intensa urbanização das cidades, onde a população urbana chegou a 56% (SEGAWA, 2010). Este período também foi marcado pela ditadura militar, e com isso a arquitetura se voltou à serviço do Estado, tendo a proeminência da arquitetura industrial, de aeroportos e dos centros universitários. Houve também a presença do BNH, 1965-1990, que passou a financiar a moradia nos grandes centros urbanos.

A década de 1970 e 1980 foi marcada por um intenso revisionismo do movimento moderno, e devido à “questão pós-moderna” houve a abertura voltada às sensibilidades e à tolerância de diversos posicionamentos, resultando em novas formas de apreender e raciocinar o ato de projetar. No entanto, essa abertura inicial não gerou, necessariamente, uma mudança, a priori, no modo de projetar, mas sim intensas discussões acerca do tema. Pois na época ocorria uma grande crise econômica, não só no Brasil, como na América Latina toda. (SEGAWA, 2010).

8- Termo pensado a partir do Artigo: Ir, Vir e Voltar, Novas Conexões. Outros Brutalismos. Elaborado pelas autoras Guilah Naslavsky, Adriana Freire e Mariana Morais, apresentado no 10º Docomomo, 2013.

A partir da Bienal de Buenos Aires, em 1985 surgem os SAL (Seminário de arquitetura latino-americana), e com o surgimento desses eventos a elaboração de conceitos acerca da historiografia e de novas formas de construir se intensificam. Segundo Cox, haveria dois tipos de modernidade, a modernidade ilustrada e a modernidade apropriada. A modernidade ilustrada, também referida como canônica, seria a modernidade europeia e estadunidense, a modernidade exaustivamente discutida e praticada. Enquanto a modernidade apropriada seria um conceito estabelecido sob três bases: A apropriação enquanto a adaptação ao sítio, a utilização de conhecimentos de diferentes culturas para a criação de identidade nacional e, por fim, o uso de conhecimentos da cultura tradicional originária. (MARCONDES, 2011).

Para além do modo de construir, revisou-se também a maneira de como encaixar os movimentos e as obras na historiografia e, segundo Waisman, existem alguns mecanismos para se discutir a historiografia na América Latina de maneira adequada. Seriam as noções de Região e Tipologia.

Ao substituir a noção de periferia pela noção de região deixa-se de esperar um padrão já imposto pelo centro e passa-se a obter padrões próprios, aspirações

e possibilidades, sendo assim uma valorização de um processo já ocorrido. (WAISMAN, 1989 apud. LOPEZ, 2022 p. 18)

Já a noção de tipologia é proposta no sentido de elaborar uma linha cronológica própria utilizando-se tanto das influências externas, como do contexto local, criando assim, “Um critério de periodização e de ordenamento de material histórico, objeto de estudo e base para a análise crítico-histórica dos feitos arquitetônicos”. (LIMA, 2013 p. 32)

Esta fase é composta tanto pelas produções individuais das arquitetas quanto da produção coletiva do escritório, com isso pode-se identificar alguns elementos característicos desta fase:

1. As implantações em diagonais
2. A utilização dos materiais sem revestimento, expondo sua verdade tectônica
3. Relação interno x externo

A partir da identificação desses elementos foi possível identificar 3 exemplares pertencentes a esta fase e que ilustram os respectivos princípios:

1. Edifício Veredas - 1975
2. Edifício Kimolos - 1977
3. Edifício Sagarana - 1980

5.1.1 EDIFÍCIO VEREDAS (1975)

O Edifício Veredas, construído em 1975 e atualmente destruído, se encontrava no bairro de Boa viagem, especificamente na esquina da Av. Visconde de Jequitinhonha com a Rua Dom José Lopes, situando-se no antigo lote 515, hoje lote 604. Caracteriza-se pelo uso dos tijolos maciços, das vigas em concreto aparente e dos septos.

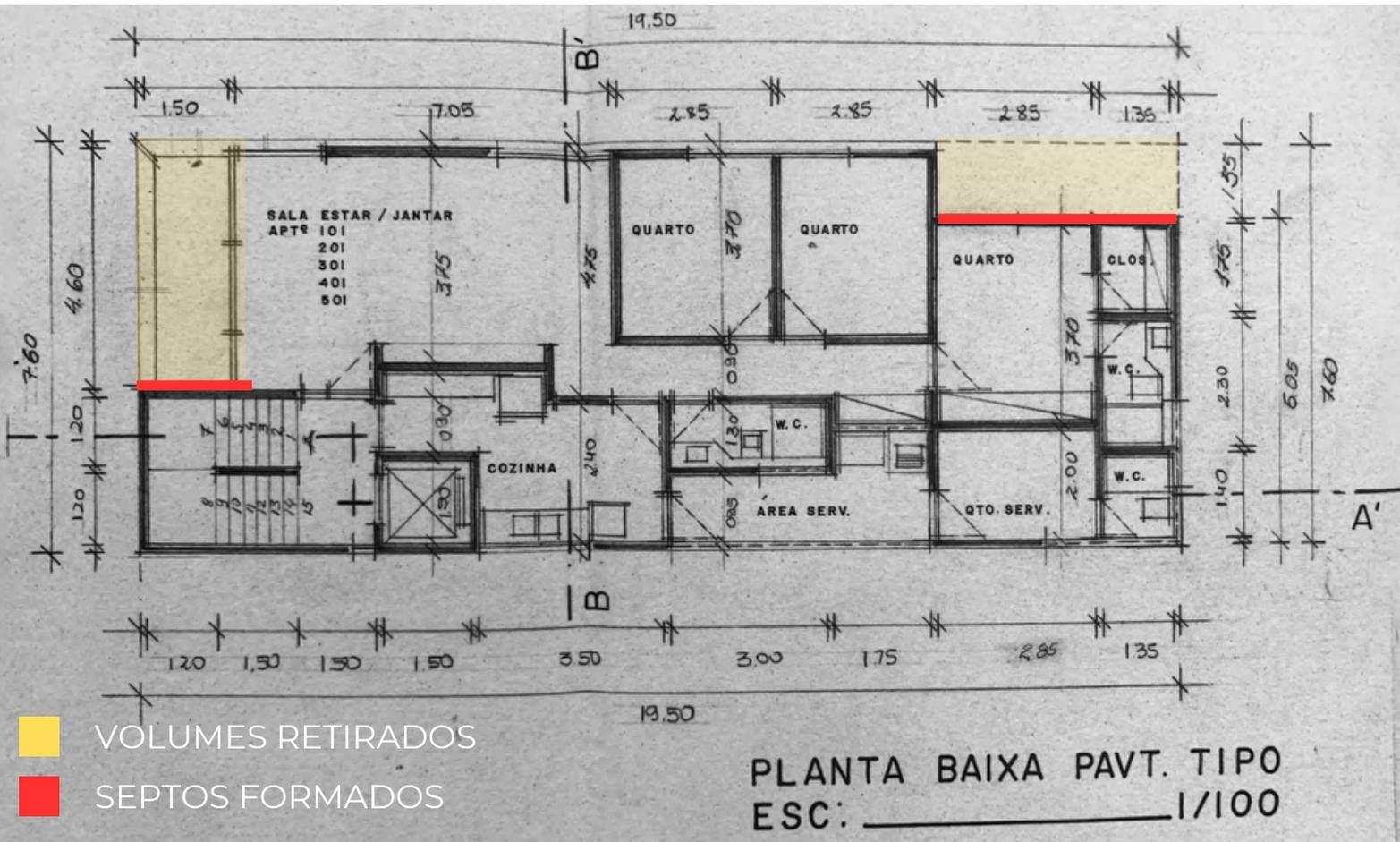
A utilização destes materiais também se apoia sob um conceito discutido por inúmeros teóricos da arquitetura, tais quais Semper e Frampton. A tectônica ou a “poética da construção”, consiste tanto na correta utilização dos materiais associados a sua técnica, quanto o destaque da técnica utilizada. Sendo assim uma relação inseparável entre expressão artística e lógica construtiva (Sekler, 1965, Apud. Amaral, p. 160, 2009).

Os edifícios modernos, muitos deles se mostram atectônicos, pois muitas vezes não é possível a distinção de quais elementos são responsáveis pela sustentação do edifício e quais deles são de motivação estética. Assim, na década de 1960, com a revisão do movimento moderno, houve também críticas nesse aspecto, onde o espaço etéreo moderno dá lugar ao espaço emoldurado, definido, contemporâneo.

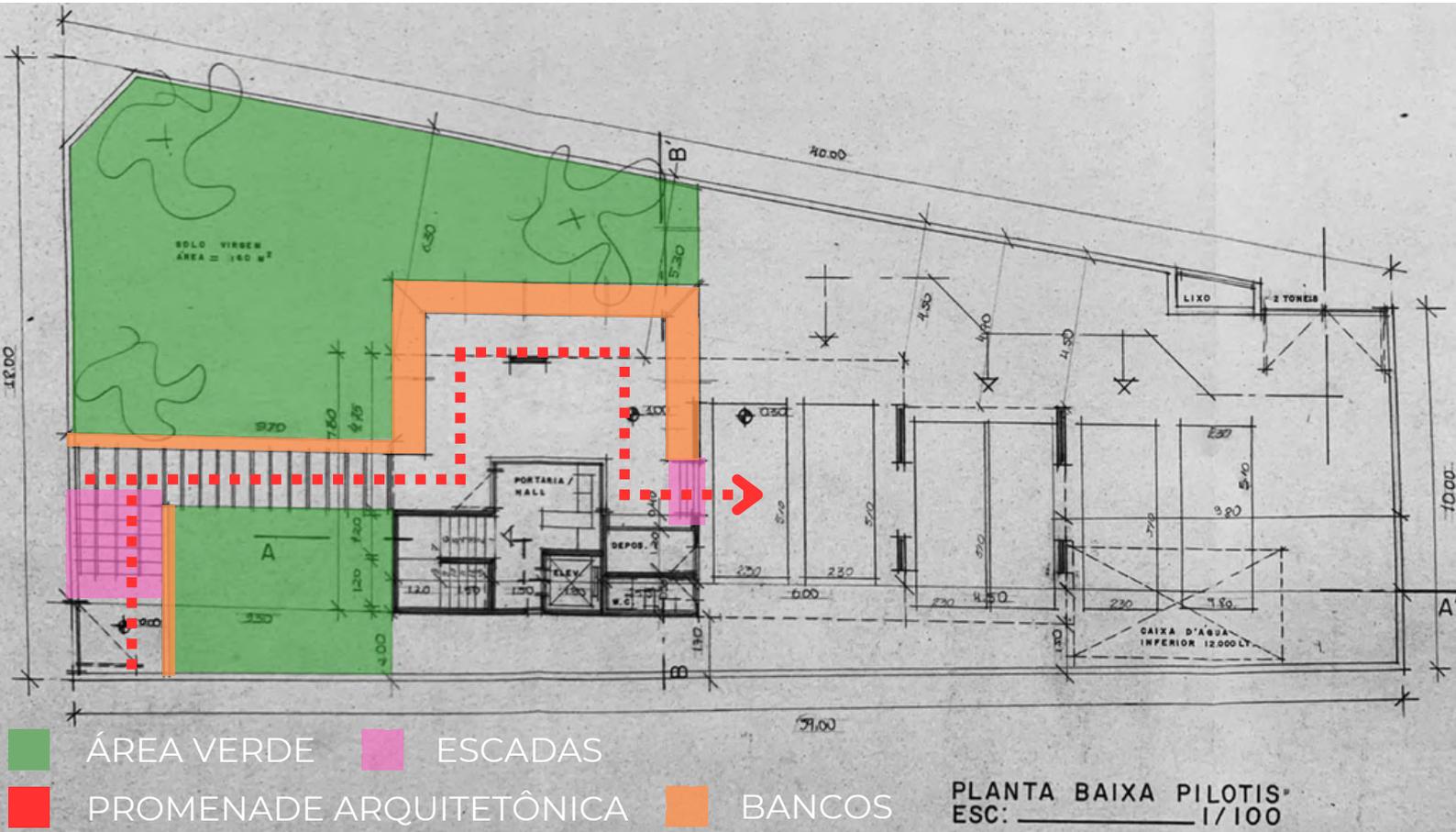


11. Fotografia da fachada frontal do Edifício Veredas
Fonte: Guilah Naslavsky, 2006

Os septos do edifício mostram-se como estratégia compositiva do escritório, tal marcação reforça a verticalidade do edifício, ao mesmo tempo em que atribui leveza à composição, em contraste ao aspecto pesado, evidenciado pelo uso dos tijolos e do concreto aparente. O que para o autor Milan Kundera, parece ser inconciliável, a aplicação dos conceitos de peso e leveza simultaneamente, neste edifício parece algo simples e natural, plenamente adaptado em seu sítio.



12. Planta baixa do Pavimento-tipo do Edifício Veredas, com sobreposições da autora
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Sul e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

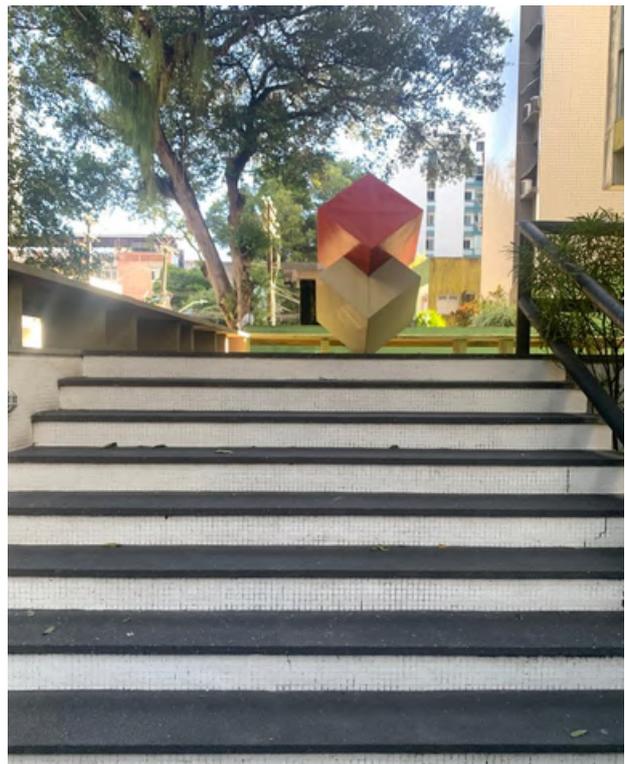


13. Planta do Pavimento pilotis do Edifício Veredas, com sobreposições da autora
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Sul e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

Apesar do programa do edifício ser relativamente simples, visto que continha os apartamentos, algumas vagas de garagem e um jardim, percebe-se o esmero utilizado no projeto. As espacialidades eram pensadas de forma a se apresentar de forma serial ao usuário, através do uso das escadas, que guiam o transeunte primeiramente ao jardim, e logo após a uma área de convivência. Em seguida, guiam ao estacionamento que se posiciona 70 cm abaixo dessa área.

Além disso, tem-se também o uso dos bancos com dois intuitos, como elemento condutor dessa promenade arquitetônica e como delimitador das áreas verdes do edifício. Outro artifício utilizado é a entrada lateral ao edifício, como no caso do edifício Marcelo II, de 1982, tem se a vista para a escultura.

No escritório era de sua metodologia o protagonismo de uma integrante associada a determinado projeto, pois dessa forma tinha-se um melhor fluxo para as tomadas de decisão referentes ao exercício projetual. No edifício em questão evidencia-se a integrante Ana Lúcia Barros, que além de obter esse protagonismo relacionado ao projeto, foi moradora do prédio.



14;15. A entrada lateral, ou paralela ao sentido da rua, cuja visada é a escultura
Fonte: Letícia Toscano, 2023

9- Visão serial é um conceito elaborado por Gordon Cullen, em seu livro Paisagem urbana e, apesar de ser um termo originalmente referido ao urbanismo, pode ser utilizado nesta análise, mantendo as devidas escalas.

10- Metodologia relatada em entrevista com Kátia Costa Pinto em 2023

5.1.2 EDIFÍCIO KIMOLOS (1977)

O edifício se localiza na Rua João Ramos, no lote de número 285, no bairro das Graças em Recife. Se caracteriza pela sua implantação disposta em diagonais e pelas varandas, sacadas da volumetria principal. O bairro passava por intensas transformações, estando na segunda fase do processo de metropolização do Recife, substituindo as antigas áreas centrais, como atesta Lacerda e Diniz:

“A substituição do estoque construído existente deu-se por meio da verticalização de áreas residenciais de alta qualidade ambiental e bem localizadas relativamente às infra-estruturas e aos serviços. Os bairros tradicionais de baixa densidade e alta qualidade ambiental foram as principais vítimas da intensa verticalização.”
Revista eure (Vol. XXVI, Nº 79), pp. 78, 2000

Além de estar neste contexto de verticalização do Bairro das Graças, o edifício caracteriza-se pela transparência entre o externo e o interno, a nível do pedestre, assim como alguns exemplares da época, também localizados no mesmo bairro, como o edifício Villa Cristina (1978) projeto de autoria do arquiteto Wandenkolk Tinoco.

Outro aspecto a ser analisado deste edifício é uma ampla escada, demarcando sua entrada, que acrescida de um jardim disposto em diferentes

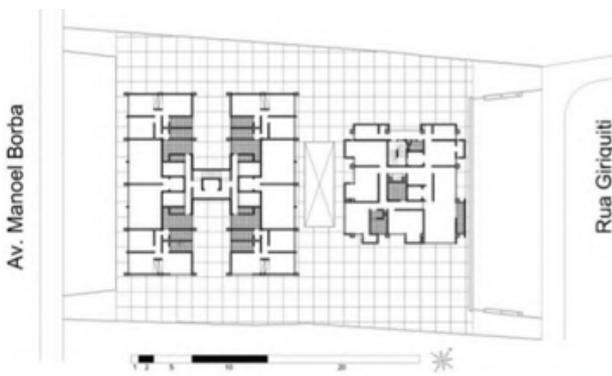
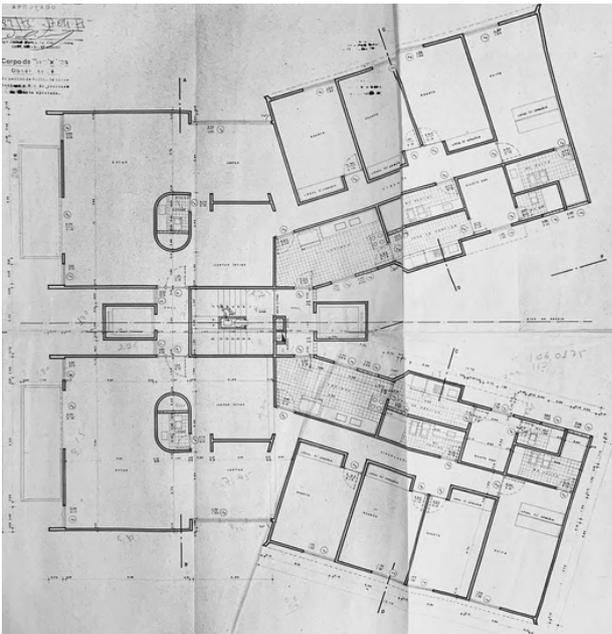


16. Fotografia do Edifício Kimolos
Fonte: Site Expoimóvel, 2023

níveis, eleva o edifício do nível da rua, criando assim uma monumentalidade albertiana.

O edifício em si consiste em duas torres dispostas em volumes formados ora por retas ortogonais, ora por retas diagonais, unidas por um bloco estrutural rígido de circulação vertical. Tendo-se dessa forma a reinterpretação da clássica solução em “H” popularizada nesta segunda fase da metropolização da cidade do Recife e utilizada pelo arquiteto Delfim Amorim no projeto do Edifício Amapá.

11- “Referências à tradição clássica – especialmente à Antigüidade greco-romana – não chegaram a desaparecer por completo da arquitetura moderna, embora tenham sido incorporadas de modo abstrato à nova linguagem” (PONTES, 2005, p.18)



17;18. Planta baixa do pavimento tipo do Edifício Kimolos e dos Edifícios Barão de Rio Branco e Amapá de autoria do arquiteto Defim Amorim. Fonte: Regional centro, 2023; Forma e Espaço: Da Relação entre composição arquitetônica e configuração espacial à Luz da “Lei de Amorim”, 2018

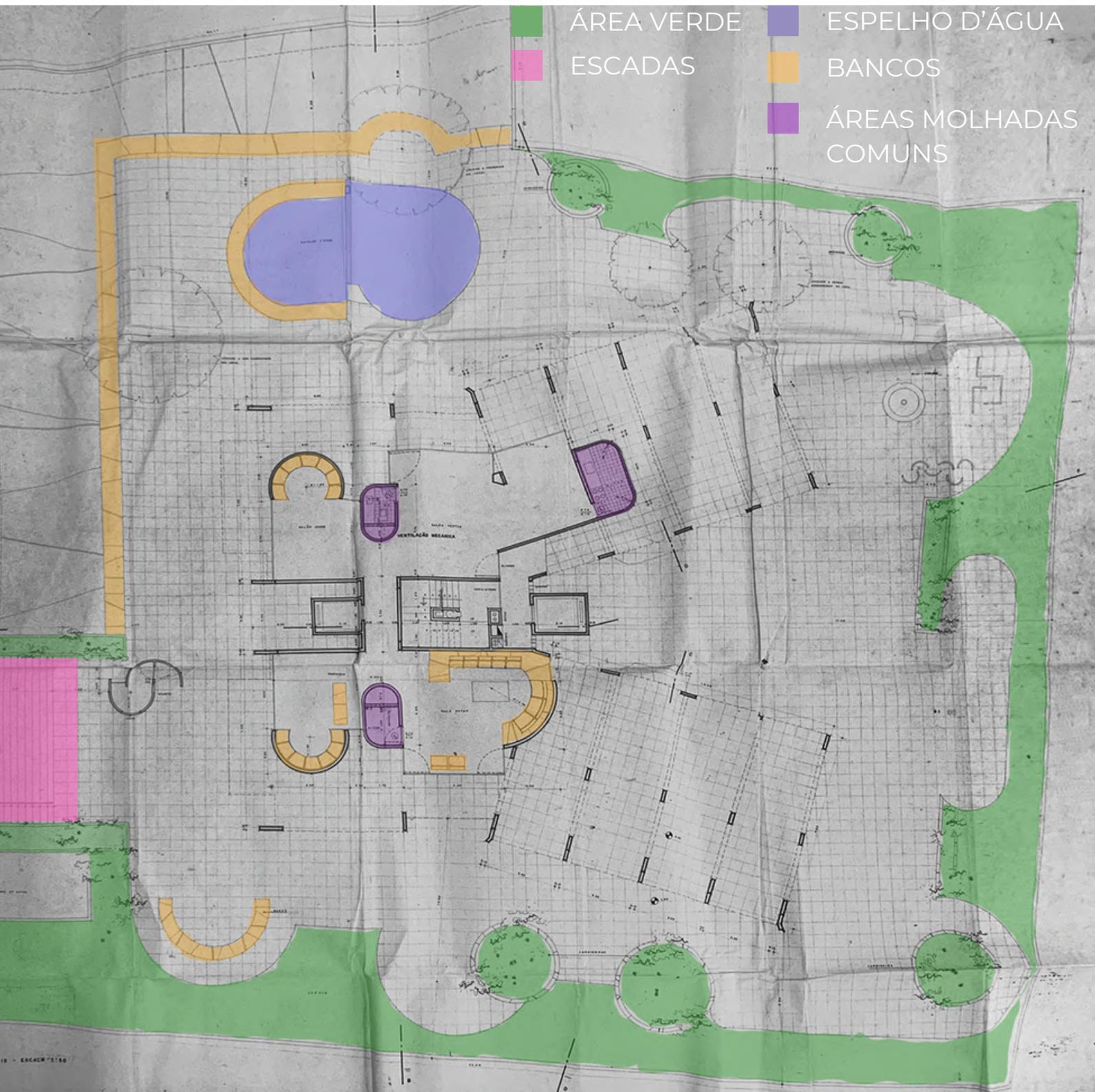
A partir da análise dos elementos que compõem o pavimento térreo do edifício, foi possível perceber a utilização da cerâmica como unidade modular para os traçados e a partir da qual se desenvolvem curvas, na verdade, a concordância de semicírculos para a conformação de espaços.

Os bancos, em outros casos, elementos condutores do passeio arquitetônico, aqui se apresentam enquanto

elementos contemplativos da natureza e dos elementos projetados, como por exemplo o espelho d’água e os jardins. Ao se apresentarem nas formas curvas enfatizam uma linguagem orgânica, já presente no paisagismo moderno pernambucano. As curvas se destacam também na formação dos volumes destinados às áreas molhadas comuns do edifício.

Já os elevadores, diferentemente do edifício Veredas, em que se encontram contidos ao volume principal do edifício, aqui se encontram como dois outros volumes incrustados, dispostos ortogonalmente, em contraste com a implantação diagonal do edifício.

As varandas se apresentam como elementos responsáveis pelo aumento da riqueza volumétrica do prédio. A partir de um jogo de reentrâncias e saliências estabelecido com a fachada principal, tem-se esses prismas retangulares alocados, e diferentemente de outros exemplos, a parte lateral de seu peitoril é feita em alvenaria, criando assim um grande septo interrompido em diversos pontos ao longo do comprimento do edifício. Nota-se também a presença de outros septos de dupla função, emolduram e a fachada principal do edifício e também têm função estrutural, por serem pilares que vão desde o subsolo até o último pavimento.



19. Planta do Pavimento pilotis do Edifício Kimolos, com sobreposições da autora
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Centro e sobreposta por Leticia Toscano, 2023

12- Chama-se concordância de duas linhas curvas ou de uma reta com uma curva, a ligação entre elas, executada de tal forma, que se possa passar de uma para outra, sem ângulo, inflexão ou ponto de descontinuidade.

5.1.3 EDIFÍCIO SAGARANA (1980)

A palavra Sagarana é um neologismo criado pelo autor José Guimarães Rosa , derivado da junção das palavras saga e rana, que em tupi significa semelhante a, ou seja semelhante a uma saga. Tal palavra é título do primeiro livro do autor publicado em 1946, caracterizado como uma obra regionalista.

Já o Edifício Sagarana se localiza na Rua Jader de Andrade, no lote de número 301 no bairro de Casa Forte, em Recife e, assim como a obra literária pode ser classificado como regionalista. Caracteriza-se pela implantação retangular acrescida de um volume triangular, formando um septo em tijolos maciços. Assim como os edifícios desta fase, a entrada do Sagarana se estabelece por meio de escadas e, conta também com a relação de permeabilidade visual, mencionada anteriormente.

Em relação ao uso de materiais percebe-se o tijolo maciço como grande protagonista deste projeto, em que assim como o Edifício Veredas assume-se uma postura brutalista, expondo os materiais sem revestimento. Percebe-se também o envelopamento do volume com o tijolo, que em certas fachadas dá lugar à cerâmica branca estabelecendo



20. Fotografia do Edifício Sagarana
Fonte: Letícia Toscano, 2023

uma relação de contraste e destaque entre os materiais.

Outro artifício característico deste exemplo é a ênfase dada aos volumes, ora sacados, ora retirados. No mezanino, a partir da retirada do volume de sua porção frontal tem-se a criação de um pé-direito duplo no acesso da área social do prédio e, além disso há a adição de uma jardineira na fachada principal que percorre quase todo o pavimento, que reforça a linearidade do edifício. Dentre os pontos apresentados a desconexão, entre estruturas se faz presente, este

13- O termo regionalista aqui utilizado, não se relaciona ao local da obra, mas sim como uma atitude projetual tomada pelas arquitetas, onde evidencia-se o uso de soluções da arquitetura e de materiais locais

ato de soltar um elemento construtivo de outro enfatiza a independência da estrutura e cria visadas verticais que surpreendem o transeunte com o emoldurar do jardim.



22;23. Fotografias das fachadas posterior e lateral do edifício, evidenciando o “envelopamento” por tijolos
Fonte: Letícia Toscano; Google street view, 2023

A atenção ao detalhe se mostra neste prédio, e não o detalhe com elemento figurativo, mas sim como elemento construtivo, criador de espacialidade e significado (FRASCARI in NESBITT, 2008). Como por exemplo à fresta entre o muro de vedação lateral e o forro do mezanino, o que poderia ser um simples peitoril, se mostra enquanto elemento que emoldura o mezanino e guia o transeunte no pavimento inferior.



24. Detalhe do espaço entre forro e vedação
Fonte: Letícia Toscano, 2023

Da mesma forma percebe-se o detalhe na junção do pilar ao forro de madeira tem-se, dessa forma não só a articulação de elementos como também de materiais. Além disso, mais um detalhe observado foi a criação de visadas através da interrupção dos septos ou do espaço criado entre a separação dos elementos construtivos.

14- O conceito de Detalhe Narrativo proposto por Frascari, onde o detalhe atua como unidade mínima de significação na produção de sentido na arquitetura. No texto “O Detalhe Narrativo” no livro Uma nova agenda para Arquitetura de Kate Nesbitt

5.2 FASE ESCULTÓRICA - 1980-1990

Os anos 80 representam no campo mundial uma época de diversas mudanças, desde âmbito tecnológico, como o lançamento do primeiro computador pessoal em 1981, até o campo político, com a queda do muro de Berlim em 1989. Assim, na arquitetura não seria diferente, no panorama internacional há divergentes posturas acerca do moderno, a primeira como uma continuação dos anos 60/70, onde há esse revisionismo, uma contrapostura, como também uma espécie de continuidade que absorve certos valores do moderno e os adapta às necessidades da época, onde destaca-se o desconstrutivismo.

O Brasil nos anos 1980 foi marcado tanto pela volta da democracia quanto pelo crescimento exacerbado dos centros metropolitanos. O Recife, (Lacerda, Diniz 2000) dessa forma não seria uma exceção. Segundo SEGAWA, 2010 os anos 80, no Brasil foram marcados por um período de intenso revisionismo do moderno, criando assim um sentimento anti-modernista. No entanto, apesar desse sentimento, havia a utilização do vocabulário moderno na cidade, fruto dos ensinamentos da “Escola Pernambucana” fundada pelos

Arquitetos Delfim Amorim Acácio Gil Borsoi e Mário Russo. Logo percebe-se a utilização de elementos oriundos dessa arquitetura como: os saques dos espaços para guarda-roupas, as janelas dispostas em fita, o uso de peitoris ventilados, o que demonstra de certa forma uma continuidade desta escola.

As arquitetas, então imersas nesse contexto histórico, optam nesta fase pelo uso das volumetrias ousadas, criadas a partir de sólidos geométricos simples, como prismas de base retangular. A partir desses sólidos, criam-se relações de adição e recorte, transparência e opacidade, trazendo a esses exemplares drama e dualidade. Em um processo de entalhe do bloco, percebe-se o uso de alguns elementos que caracterizam essa fase:

1. O uso de volumetrias incrustadas
2. As varandas como elemento de subtração ou adição
3. A alternância entre cheios e vazios nos âmbitos bidimensionais e tridimensionais

Assim, foram escolhidos 2 exemplares para ilustrar essa fase, sendo eles:

1. Edifício Monjolo -1980
2. Edifício Flor de Santana - 1983

15- Título inspirado a partir da habilidade da arquiteta Ana Lúcia Barros e como isso foi elemento compositivo na arquitetura do escritório

5.2.1 EDIFÍCIO MONJOLO (1980)

O Edifício Monjolo se localiza no Bairro do Monteiro, na Rua Jorge de Albuquerque, lote de número 200. Assim como o exemplar da fase passada, o Edifício Sagarana, o projeto deste exemplar foi encomendado às arquitetas por funcionários de órgãos públicos.

“Foi da CHESF e foi da SUDENE, foram dois condomínios organizados. Que um fica inclusive em Casa Forte, o edifício Monjolo né? Na rua Jorge de Albuquerque que eu considero um projeto muito bom. E o projeto pequeno esse foi do pessoal da CHESF que chama-se Sagarana, que também fica em Casa Forte, na Rua Jader de Andrade. E muitos outros, estou falando apenas os que foram nessa formação por que não era apenas construtoras que nos contratavam, tinha essa modalidade de organização para iniciar um prédio.” (LACERDA, 2021)

O edifício se mostra como a justaposição de volumes simples, ora na horizontal, como no caso do salão de festas, ora na vertical como o saque de sua porção frontal. A partir desse saque cria-se um septo, artifício já utilizado na fase anterior, que se encerra em um pórtico, emoldurando a fachada recuada do edifício. Assim, o septo enquanto pórtico define uma volumetria virtual onde há apenas o insinuação de um volume, formado pelo recuo entre o septo e a varanda. (COLIN, 2019 p. 51).

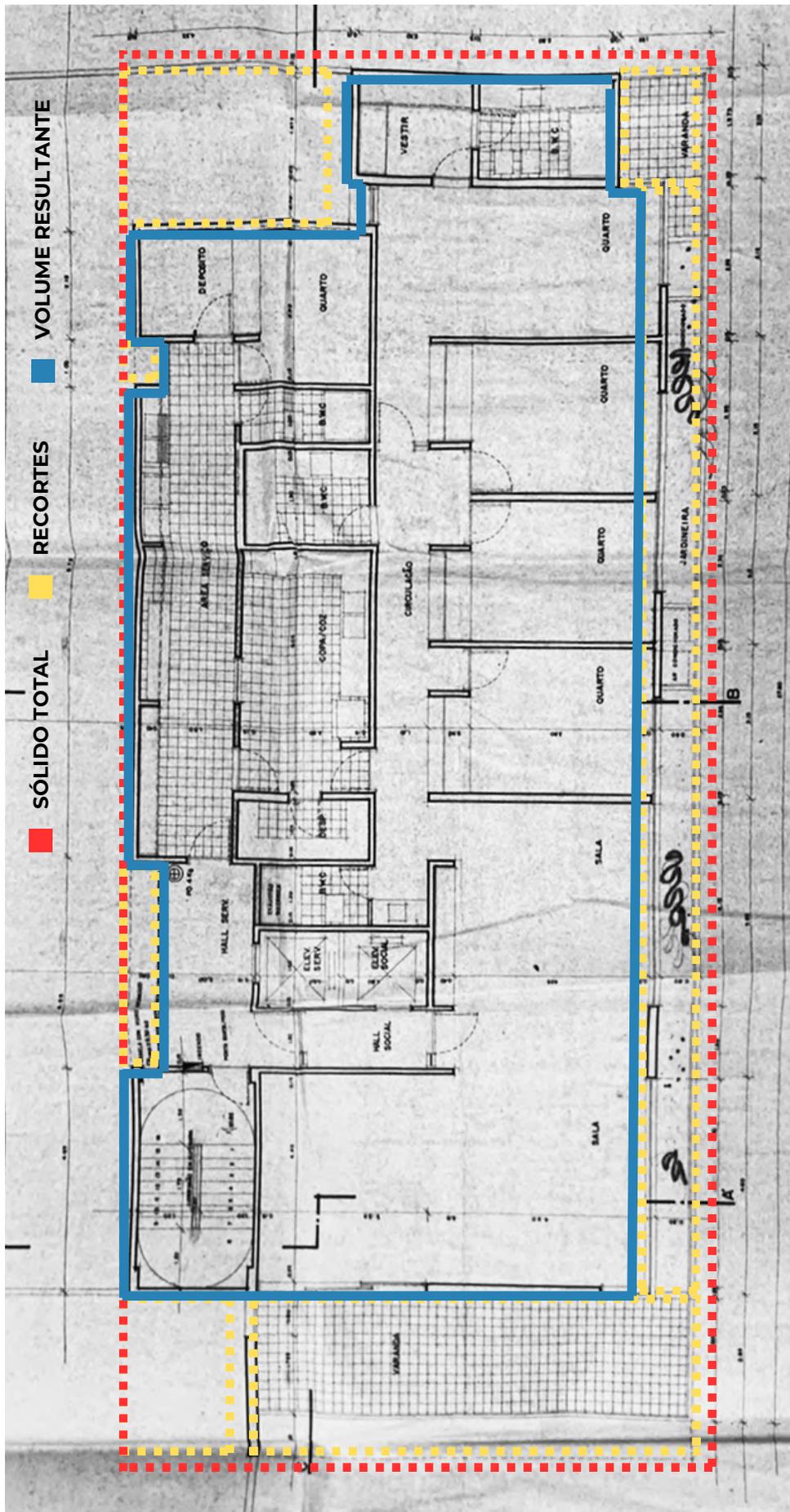


25. Fotografia do Edifício Monjolo, com sobreposições feitas pela autora
Fonte: Letícia Toscano, 2023

Já na planta tipo percebe-se que a partir do prisma retangular tem-se a subtração e de diversos volumes, criando recortes que resultam em diferentes espacialidades, fazendo com que seja o vazio o elemento ordenador do espaço. Essa atitude de escavar o objeto, trabalhar com o vazio faz parte de um mecanismo de projeto também encontrado em arquitetos ditos como fenomenológicos, pois ao colocar o vazio em evidência, trabalha-se, conseqüentemente, com o jogo de luz e sombras.

16- Depoimento concedido à autora em entrevista pela arquiteta integrante Norma Lacerda, em 2021

17- A ideia de que a forma gera espaço é contraposta pela ideia de vazio gera espaço e forma Sendo assim pode se entender o espaço como algo definido, gerado, que surge do enfrentamento entre vazio e forma. (ROCHA, 2005, p.18)



26. Planta do Pavimento-tipo do Edifício Monjolo, com sobreposições da autora
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

Sendo assim, forma, aparência, construção e função aspectos intrinsecamente interligados que tem por finalidade alcançar a integridade conceitual. (LOBÃO, 2016 p. 205)

Outro elemento presente nesta fase é o destaque atribuído à circulação vertical que dá acesso ao mezanino, neste caso se desenvolve em um formato curvo, estabelecendo uma relação de contraste entre ela e os volumes do edifício. Percebe-se também o cuidado em fazer a circulação não encostar no teto do mezanino, mantendo assim o forro em madeira íntegro, sem interrupções.



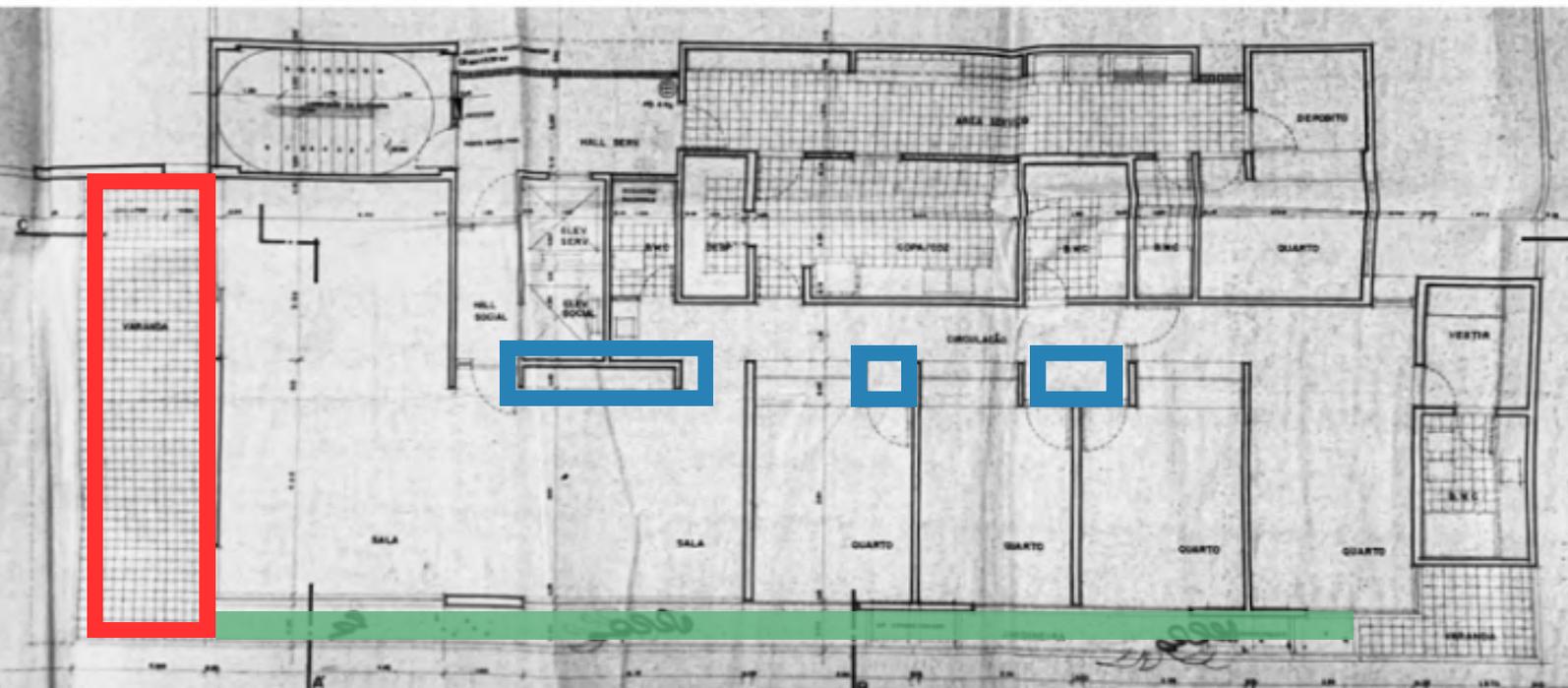
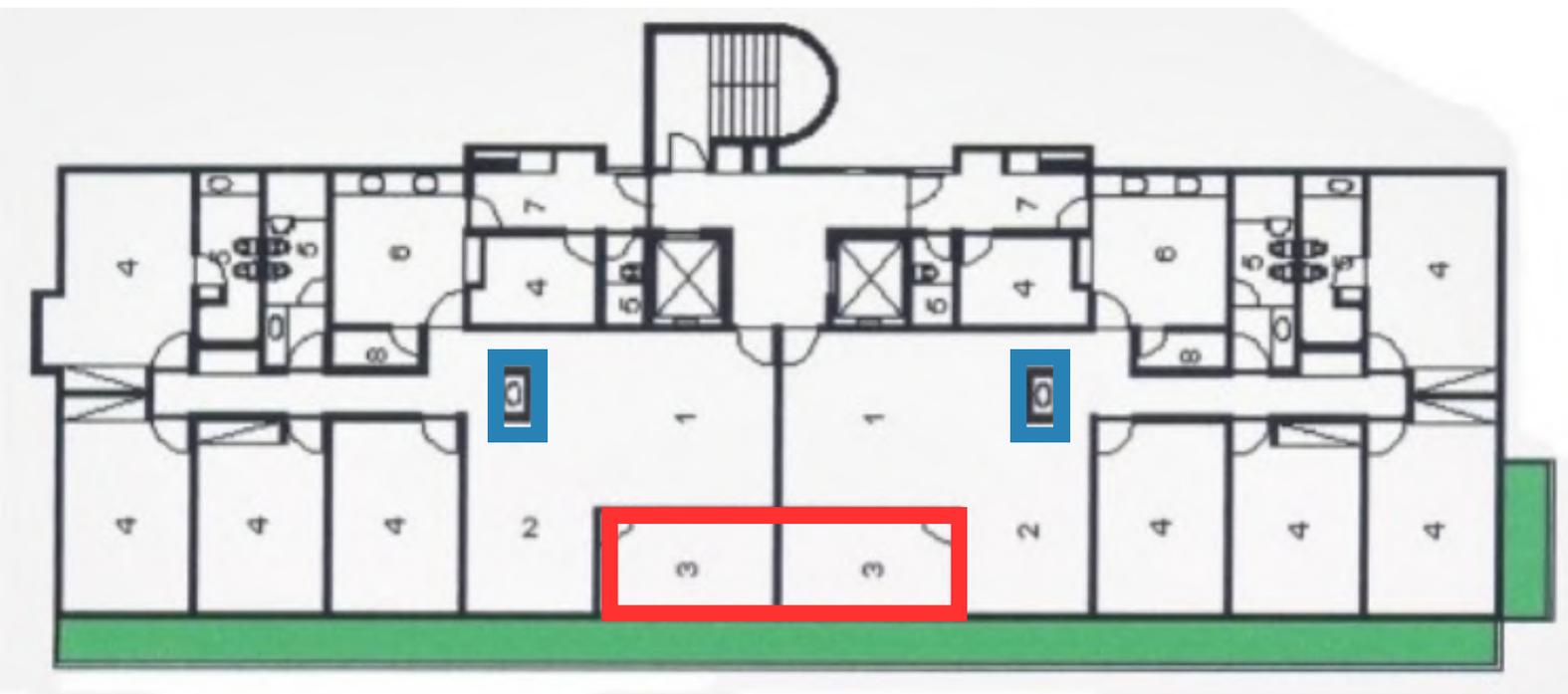
27. Fotografia da circulação vertical curva que leva ao mezanino. Observa-se detalhe da fresta, ela não encosta no forro em madeira
Fonte: Letícia Toscano, 2023

Por fim, é possível enxergar semelhanças com a obra do arquiteto Wandenkolk Tinoco em seu edifício Vila Marianna (1976), tanto em seu aspecto exterior, quanto em questões topológicas.



28;29.Fotografias do Monjolo e Villa Mariana, respectivamente. Evidencia-se nessas fotografias a sua similaridade
Fonte: Letícia Toscano, 2023 e Ana Carolina Freire, 2011

18- A topologia é uma ciência matemática que se refere diretamente à geometria. Ela estuda os tipos e propriedades de superfícies ou espaços por meio da análise de suas deformações, torções e alongamento de objetos



30;31. Planta do pavimento tipo do Edifício Villa Mariana e planta do pavimento tipo do Edifício Monjolo, respectivamente, artifícios topológicos destacados, como nichos, presença de varandas e jardineiras lineares

Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e pelo Arquivo A C Cruz e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

“Dessa forma, seria assim possível amenizar a aridez das fachadas ortogonais, além de possibilitar a criação de um jogo de saliências e reentrâncias que proporcionava aos seus projetos uma grande riqueza ao volume do edifício, riqueza essa que “se reporta à exuberância da nossa paisagem tropical” (MOREIRA, FREIRE, 2011)

A linearidade reforçada pelas jardineiras, que percorrem boa parte da fachada Leste, é um desses elementos de semelhança. Muito comum na produção do arquiteto nos anos 70, essas jardineiras tinham por propósito a incorporação de um vocabulário regional à sobreposição dos blocos, neste caso o quintal.

Do ponto de vista topológico as plantas tipo também se assemelham, desenvolvendo-se em prismas retangulares enriquecidos com volumes, retirados ou acrescentados. Percebe-se também a concentração de setores íntimos e sociais, como também a presença de varandas, e a criação de elementos que provocam a privacidade, no caso do Villa Mariana especializado pelo nicho que comporta uma pia, interrompendo a visada do corredor dos quartos, e no Edifício Monjolo especializado em também um nicho e no giro da porta, que se volta à sala.

5.2.2 EDIFÍCIO FLOR DE SANTANA (1983)

O Edifício Flor de Santana se localiza na Avenida Flor de Santana, número 139, no Bairro do Parnamirim. Dentre os exemplares apresentados nessa fase é o de menor verticalidade e, diferentemente dos outros dois edifícios, apresenta dois apartamentos por pavimento tipo. Esse edifício apresenta diferente relação entre o externo e o interno, dessa vez feita por meio de muros baixos, e não gradis em preto, de forma semelhante ao edifício Marcelo II de 1982.

Assim como em outros exemplares do escritório percebe-se o destaque dado à escultura, em concreto, pensada pela arquiteta Ana Barros. Além disso, o concreto é empregado tanto no muro quanto na jardineira, estabelecendo o diálogo entre elementos, formando uma unidade.

O edifício se desenvolve a partir da adição e subtração de volumes, sendo assim, foram elencadas 4 categorias: O bloco maciço, o bloco de intermédio, o bloco de soltura e o bloco original.

O bloco maciço e denomina-se dessa forma devido a sua fenestração que se faz de forma escassa, quando em



32. Fotografia da fachada voltada à rua do Edifício Flor de Santana
Fonte: Google street view, 2022

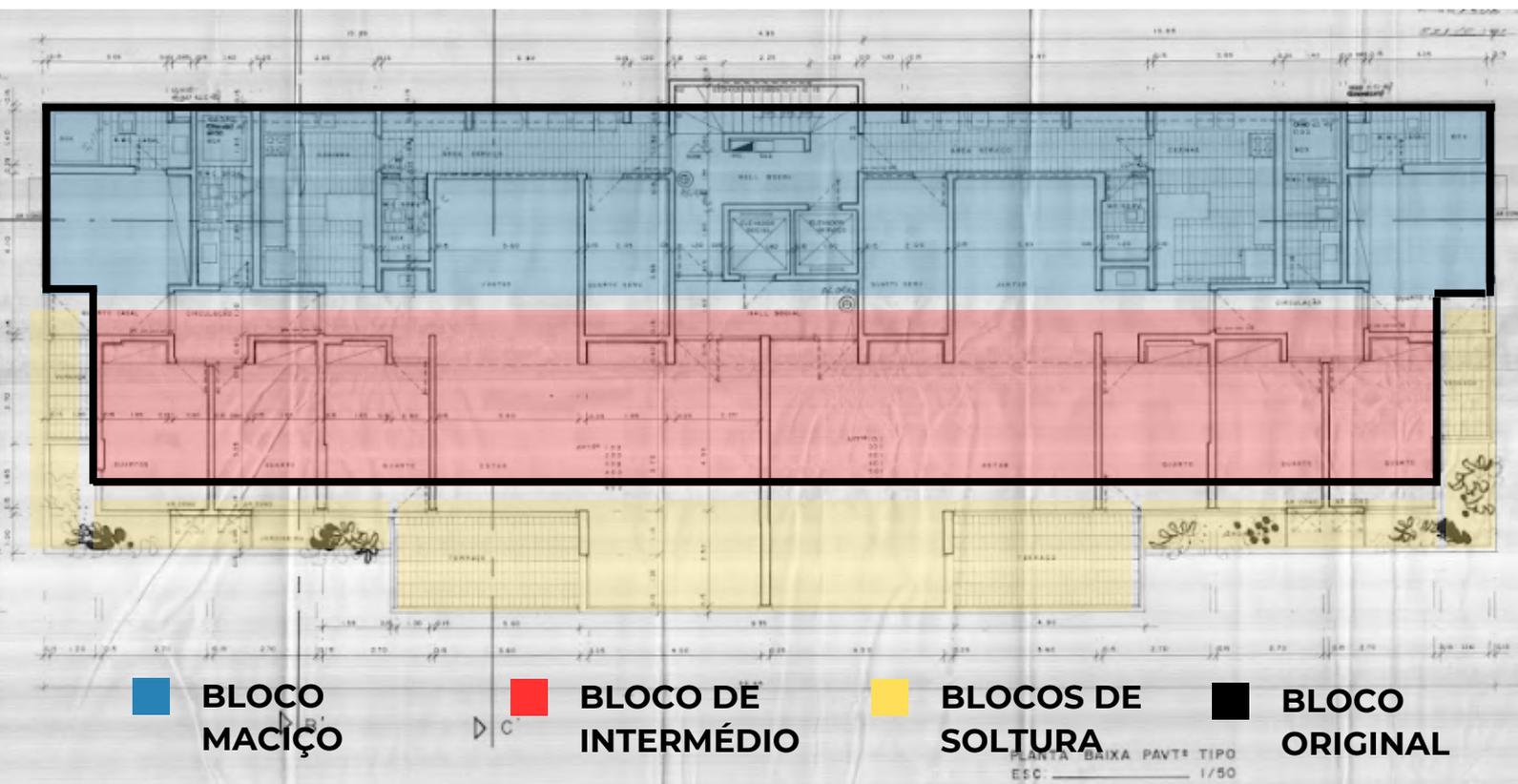
comparação aos demais blocos. Se caracteriza por concentrar as áreas molhadas, pela maior presença de ambientes confinados e por comportar a circulação vertical. Já no bloco de intermédio se localizam as áreas sociais, setor íntimo, representado pelos quartos, circulação horizontal, como também pela amplitude espacial. Recebe essa nomenclatura devido a seu caráter híbrido entre o bloco maciço e os blocos de soltura. Por fim tem-se os blocos de soltura, elementos adicionados ao bloco original do edifício e são responsáveis pelo enriquecimento volumétrico do conjunto, representados por varandas e jardineiras.

Em relação às suas fenestrações, se apresentam de forma a cumprirem sua função, de volumes de escave da volumetria total, sendo assim quase a totalidade do volume em si. A conjuntura desses blocos resulta em composições de fachadas marcadas

pelas relações cheios e vazios e reforça a linearidade das varandas e jardineiras, possibilitada pela estrutura independente e consequente fachada livre.

Segundo AMARAL, 2003 “A estrutura independente permite o uso dos pilotis no pavimento térreo e a elevação do volume construído em relação ao solo”. A utilização dos pilotis pode ser encontrada no que a autora ressalta como código racionalista do arquiteto, e demonstra diversos exemplos onde a estrutura cria espacialidades formadas pelo uso do pé direito duplo. No caso deste edifício observa-se o uso do mesmo artifício, assim como a utilização das janelas “corridas”, que se alocam na cozinha e área de serviço.

Juntamente às janelas, percebe-se o uso de aberturas não envidraçadas e recuadas da fachada posterior do edifício. Tais aberturas eram feitas dessa forma no intuito de serem



33. Planta de Pavimento-tipo do Edifício Flor de Santana com sobreposições da autora
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e sobreposta por Letícia Toscano, 2023



34. Fachada posterior do Edifício Flor de Santana com sobreposições da autora
 Fonte: Fachada posterior disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

sombreadas pelo seu recuo em relação à fachada, visto que estão localizadas para a orientação noroeste, não favorável para a cidade do Recife.

Há a utilização de módulo nas janelas, bem como uma relação de contraste entre as janelas “corridas” e as fenestrações verticais. Por fim, percebe-se alguns pontos que dialogam com a arquitetura moderna pernambucana, como a esquina enquanto volume envidraçado presente nas produções residenciais multifamiliares do arquiteto Acácio Gil Borsoi (AMARAL, 2003) e também a ênfase dada à circulação vertical enquanto elemento enriquecedor da volumetria. A esquina envidraçada, diferentemente do “arredondamento” proposto por Wandenkolk Tinoco (MOREIRA, FREIRE, 2011), reforça a rispidez do ângulo reto e atua em conjunto, neste caso, com o peitoril ventilado.



35;36. Esquinas envidraçadas evidenciadas pela autora em vermelho no Edifício Mirage de autoria do arquiteto Acácio Gil Borsoi; Esquina envidraçada vista no Edifício Flor de Santana a partir do apartamento
Fonte: Revista Continente, ed 161, 2014, modificada pela autora, 2023 ; Site de venda de imóveis re/max, 2023

A escada, por sua vez, exerce papel importante na volumetria do edifício e oferece ao transeunte um patamar que se volta ao jardim, como um mirante. Suas dimensões, generosas, atribuem monumentalidade para o acesso ao pavimento social, evidenciando assim o seu caráter público.



37. Escada que leva até a área social do edifício
Fonte: Site de venda de imóveis re/max, 2023

5.3 FASE ANALÓGICA - 1985-2003

O contexto pós-moderno na arquitetura internacional dividiu-se em duas posturas, uma de revisionismo e outra de continuidade. Sob a ótica do revisionismo há expoentes como Aldo Rossi e, mais tarde, Mario Botta, que se munem de uma linguagem e de soluções anteriores ao moderno para a aplicação de demandas da época.

Dessa forma, esses arquitetos buscavam por atingir uma dimensão simbólica e do significado em suas obras arquitetônicas, uma aspecto importante para diferenciá-los dos modernos seria a forma. Para os modernos, a forma segue a função, para os neorracionalistas a forma admite ser utilizada, inclusive repetida e rearranjada em diversos contextos, onde percebe-se maior integração entre a sua arquitetura e seu meio. Diferentemente da postura moderna, em que suas obras parecem pousar sob o sítio e serem aplicáveis a qualquer local.

Assim, no Brasil foi possível observar essa postura, porém, diferentemente do panorama internacional, em que tais discussões iniciaram-se ainda na década de 1960, a expressão de uma arquitetura racionalista viria a se

expressar de forma mais contundente a partir da década de 1970, porém que continuaram a ecoar até o fim do século.

Portanto, as arquitetas em resposta a este momento histórico adotam a postura de revisionismo do moderno, podendo-se elencar soluções advindas de uma outra época para sanar as necessidades do recorte em que se encontravam. Sendo assim, é possível perceber a emergência de alguns elementos, tais como:

1. O emolduramento das esquadrias
2. A composição volumétrica de Base corpo e coroamento
3. A utilização de formas simples para a execução de arranjos complexos

5.3.1 CANON TRADE CENTER (1992)

O edifício Canon Trade Center foi construído em 1992 e se localiza na Avenida Agamenon Magalhães, 2997 no Bairro da Boa Vista. Apesar do bairro já ter um contexto urbano bastante consolidado à época em que foi construído, o objeto se localiza próximo a bairros que estavam em plena modificação e efervescência, como por exemplo o bairro do Espinheiro. Em entrevista a integrante Suely Maciel afirmou ter protagonismo em relação ao projeto deste edifício

18- Nomenclatura da fase dada a partir da obra de Aldo Rossi, que se utilizava das formas simples para compor complexos arranjos e evocar sentido e emoção em suas obras

“Canon e vários tiveram o protagonismo meu, os projetos do setor imobiliário eu assumia mais” (MACIEL, 2020)

A questão pós-moderna, como discutida por Zein, Bastos, Segawa, entre outros, se faz bastante presente neste edifício. É possível identificar diversas soluções que optam por estabelecer um ritmo e formato de fenestrações que rememoram ao cemitério de San Cataldo de Aldo Rossi. Além disso, traz também uma questão do começo do século como o ideal de base, corpo e coroamento proposto pelo arquiteto norte americano James Sullivan.



38. Fotografia do Edifício Canon Trade center, com sobreposições feitas pela autora evidenciando a divisão base-corpo-coroamento
Fonte: Letícia Toscano, 2023

Sua base conforma-se em um volume cúbico a partir do qual se recortam-se as entradas e fenestrações. A entrada se dá por uma escada que evidencia o recorte da esquina, transformando o ângulo reto em uma hipotenusa, e consequentemente, estabelecendo-se ali uma marquise. Percebe-se a utilização desse artifício volumétrico também nas obras do arquiteto Mario Botta, em específico na sua primeira obra em Ransila construída entre 1981-1985, o que demonstra uma ligação entre as arquitetas e o panorama internacional.

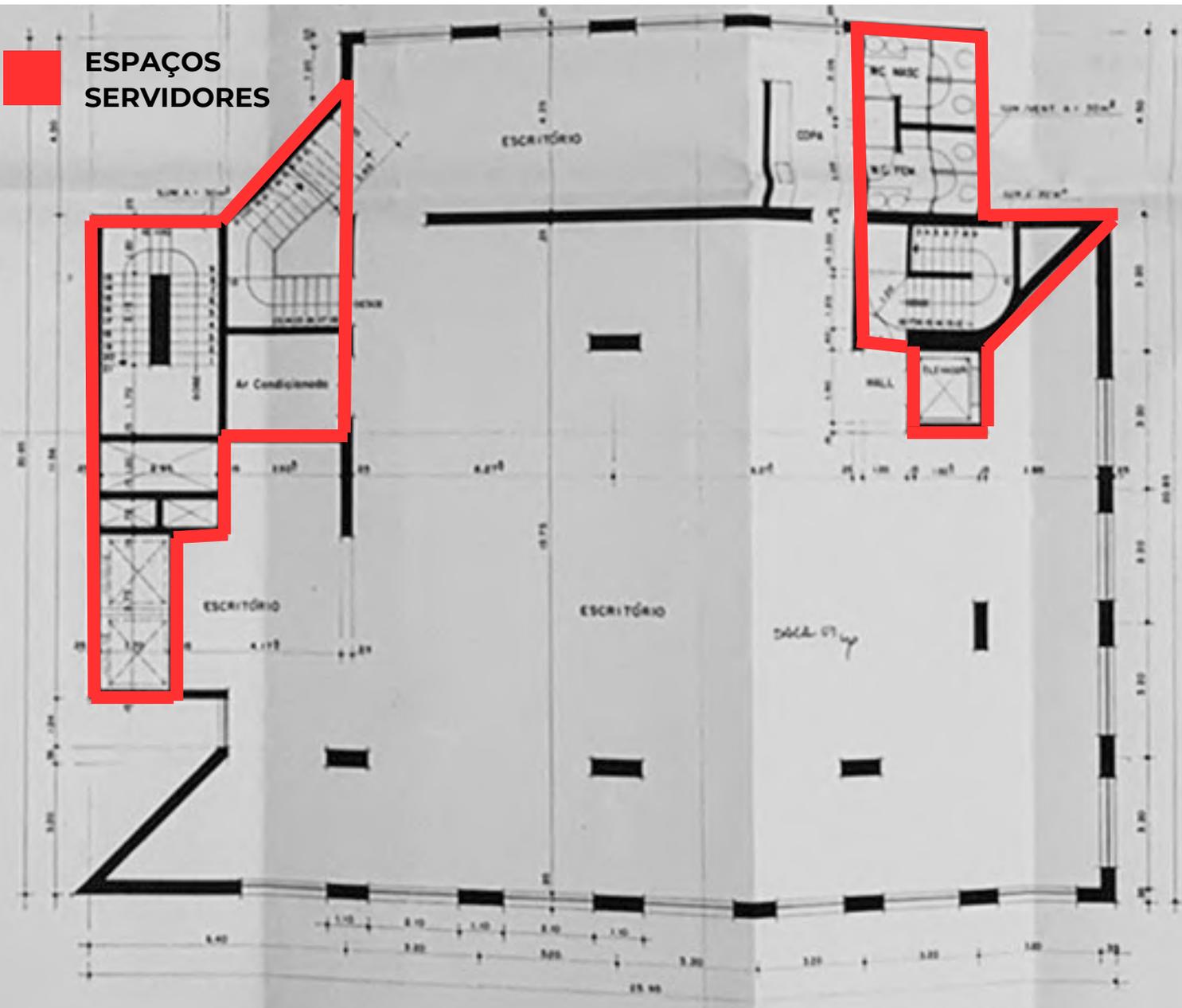
Já a divisão do volume em base corpo e coroamento, pode não ser apenas derivada de uma opção estética, pois de acordo com MOREIRA, FREIRE, 2011, tal arranjo que acontecia nos edifícios quintais de Wandenkolk Tinoco, tinham motivação derivada da Lei de Uso e ocupação do solo. A legislação também ajudou a cunhar diversas outras tipologias, assim como o edifício-pódio, tipologia que foi aqui subvertida, pois assim como Rossi repete o arranjo de formas simples, as arquitetas optaram pela mesma atitude, resignificando, pois além de estacionamento o andar térreo comporta uma agência bancária e por isso abrem-se amplas fenestrações, fazendo com que seja possível a relação externa e interna e enriquecendo-o .



39;40. Primeira obra de Mario Botta em Ransila Edifício Canon trade Center em ângulo que favorece o detalhe da escada
Fonte: Site 20th century architecture; Leticia Toscano, 2023

Sua base conforma-se em um volume cúbico a partir do qual se recortam-se as entradas e fenestrações. A entrada se dá por uma escada que evidencia o recorte da esquina, transformando o ângulo reto em uma hipotenusa, e consequentemente, estabelecendo-se ali uma marquise. Percebe-se a utilização desse artifício volumétrico também nas obras do arquiteto Mario Botta, em específico na sua primeira obra em Ransila construída entre 1981-1985, o que demonstra uma ligação entre as arquiteturas e o panorama internacional.

Já a divisão do volume em base corpo e coroamento, pode não ser apenas derivada de uma opção estética, pois de acordo com MOREIRA, FREIRE, 2011, tal arranjo que acontecia nos edifícios quintais de Wandenkolk Tinoco, tinham motivação derivada da Lei de Uso e ocupação do solo. A legislação também ajudou a cunhar diversas outras tipologias, assim como o edifício-pódio, tipologia que foi aqui subvertida, pois assim como Rossi repete o arranjo de formas simples, as arquiteturas optaram pela mesma atitude, resignificando, pois além de estacionamento o andar térreo comporta uma agência bancária e por isso abrem-se amplas fenestrações, fazendo com que seja possível a relação externa e interna e enriquecendo-o .



41. Localização dos espaços servidores no edifício
Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Centro e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

Ao analisar suas plantas baixas percebe-se a conformação de espaços servidores e espaços servidos, que no Canon Trade Center se localizam nas extremidades da planta, noção criada pelo arquiteto Louis Kahn.

Por ser um edifício de uso comercial e de serviços, tem-se na planta um dos pontos elencados por Le Corbusier, a planta livre. A estrutura então margeia o edifício criando a malha entre fenestraçãoes, pilares e vigas.

6. EDIFÍCIO-SÍNTESE

Localizado na Avenida Dezesete de Agosto, no lote de número 1820, o Edifício Baraúna pertence ao Bairro de Casa Forte, em Recife. Assim como os demais exemplares da fase em que se encaixa, a Fase Escultórica (1980-1990), percebe-se o uso das volumetrias como elemento estabelecedor do sentido e precursor da criação de espacialidades. Segundo Suely Jucá, em entrevista, houve protagonismo da arquiteta Ana Barros neste edifício, desde a sua concepção até a decoração escolhida. Pouco depois de sua construção, a arquiteta viria a morar no edifício, assim como ocorreu no Edifício Veredas, em 1975.

“Ana era muito ainda da função mas também da forma, do pilotis, da forma bonita, do enquadrar. Ana tinha uma facilidade com elementos escultóricos muito grande. Ela fazia projetos muito bonitos. [...] O Baraúna praticamente foi quase todo Ana. O Baraúna, ela tomou conta, assumiu o projeto, tudo, até porque ela morava lá. Ela se encantou, o terreno era lindíssimo”. (MACIEL, 2021)

A escolha deste edifício como edifício síntese da obra do Arqgrupo se deu devido a incorporação de todas as soluções observadas nas demais fases do escritório, como discutido na metodologia deste trabalho.

Outro ponto relevante desta obra é a noção da arquitetura como obra total, que se faz presente neste exemplar, o edifício adota uma linguagem verdadeiramente moderna, sendo possível elencar quase todos os pontos da máxima corbusiana, com a exceção do terraço jardim.

Porém, diferentemente da fase inicial do arquiteto, adiciona-se pouco do “tempero” pós-moderno, sendo possível observar a incorporação de soluções locais e a atenção aos detalhes enquanto unidade narrativa. Além disso, foi possível adentrar o interior de um dos apartamentos decorado pela integrante Kátia Costa Pinto, ambientação tão simbiótica com a espacialidade do edifício que fica difícil a imaginação de outros arranjos. Para dissecar este edifício em todos os seus aspectos é preciso não só ver o edifício, mas também “transvê-lo”. Portanto, a análise deste edifício se dará de forma serial, a partir da experiência da autora e, por isso, se faz necessário a utilização da primeira pessoa, para uma aproximação mais fidedigna às impressões causadas aos transeuntes.

19- Sendo eles: A fachada livre, janelas em fita, o uso de pilotis, terraço jardim e o uso da planta livre

20- Transver é um neologismo criado pelo poeta Manoel de Barros, que significa a visão de mundo além do ver ou do lembrar, seria a visão de mundo estabelecida através da imaginação. Mas o que seria da análise de obras arquitetônicas senão um exercício de transver o mundo?

EDIFÍCIO BARAÚNA (1985)

Primeiras impressões

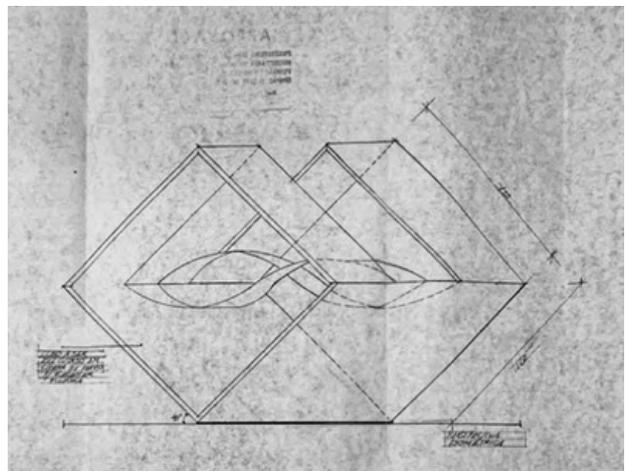
A primeira impressão que tive ao chegar ao número 1820, na avenida Dezessete de Agosto neste ano, foi a percepção de um acontecimento moderno, guiado pela cor vermelha. A cor vermelha está no edifício em todo e qualquer elemento em que se quer pôr o destaque, podendo ser classificada como junção.

Sendo assim, a entrada do edifício se mostra como um pórtico em cinza, com gradis pretos, permitindo a integração visual entre pedestre e edifício. O edifício não deixa dúvidas e se mostra moderno nas minúcias, até a tipografia que o identifica evoca essa impressão, sóbria e utilitária.

O acesso do edifício se posiciona paralelamente ao sentido da rua, e não de forma ortogonal. Sendo assim, o primeiro elemento observado é a sua escultura, vermelha e metálica, se localiza como elemento marcador da entrada, que se estabelece por meio de um volume envidraçado.



42. Entrada do Edifício Baraúna
Fonte: Google Street view, 2022



43;44. Projeto da escultura de autoria da arquiteta Ana Barros; A escultura executada
Fonte: Regional Oeste; Letícia Toscano, 2023

21- Junção ou detalhe, a unidade mínima da criação de significado e sentido, essencial à obra de Carlos Scarpa

Sua entrada também conta com jardins com canteiros ora curvos, ora pontiagudos que guiam a entrada de carros e pedestres. Após adentrar à caixa de vidro, dirige-se ao acesso por meio de escadas, onde se avista a portaria.

A portaria, também se mostra como elemento integrado ao edifício, em vermelho, suas fenestraçãoes verticais mimetizam a fenestração do edifício e percebe-se também a utilização de metais em preto para a conformação de uma cobertura em vidro.



45. A portaria do Edifício
Fonte: Letícia Toscano, 2023

Os bancos, também em vermelho, guiam o passeio arquitetônico e delimitam as áreas verdes. Área esta, bastante vasta, pois trata-se de um Imóvel de proteção de área verde - IPAV, que abriga diversas espécies arbóreas, frutíferas ou ornamentais, abrigando inclusive Baraúnas, foi classificado desta forma por ser um terreno remanescente dos antigos quintais da cidade do Recife uma possível razão para o nome do edifício.

A circulação vertical que leva até mezanino se destaca enquanto bloco e destoa, propositalmente, do sentido do edifício, estabelecendo uma angulação de 45 graus. Ao observá-la de perto, revela-se uma bela escada helicoidal com pisos de madeira e guarda corpo, que servia para prender os degraus, metálico preto e ao seu lado uma escultura moderna, que foi pertencente à Ana Barros e mais tarde doada para ser decoração do edifício. O bloco não encosta no forro do edifício, enfatizando a circulação vertical enquanto volume solto e disruptivo.

Percebo que as arquitetas parecem roteirizar o passeio arquitetônico, guiando nossos olhos através da cor vermelha, a escultura, a portaria, a escada, o mezanino, são pequenas

22- Cabe salientar que houve mudanças entre o projeto original e o projeto executado, porém não soube identificar se fruto de alguma reforma ou não, onde a portaria foi posta levemente recuada em relação à rua.



sutilezas que aos poucos apresentam o edifício em sua totalidade. Já outros elementos construtivos como os pilares e a fachada se dão em pastilha 3x3cm, na cor cinza, sua dimensão exígua faz com que se crie uma uniformidade, a partir dela percebe-se então os elementos esculpidos. Portanto, sua volumetria resultante passa a impressão de um monolito cinza, esculpido e incrustado de volumes vermelhos.



46;47. Passeio arquitetônico oferecido pelo edifício; A escada do edifício sob a perspectiva de quem sobe
Fonte: Letícia Toscano, 2023



48. O Edifício visto ao longe, da Avenida 17 de agosto, se ergue como um monolito
Fonte: Letícia Toscano, 2023

A implantação do edifício se dá de maneira paralela ao terreno, porém, em relação ao eixo cartesiano, visto em planta baixa tem-se a impressão de uma implantação diagonal. A partir da análise da implantação é possível observar dois prismas de base retangular que se articulam,



49. Esquema de formação da volumetria resultante
Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e sobreposta por Letícia Toscano, 2023

ocasionando o recorte de sua intercessão. Além disso, há também dois volumes triangulares adicionados de forma a enriquecerem a volumetria do edifício. Tais volumes podem ser vistos como volumes de soltura, pois como são varandas e jardineira, tem-se na verdade o emolduramento do vazio,

recurso que virá a se repetir outras vezes neste edifício.

Observa-se neste exemplar sua estrutura, que independente, como elemento se traduz sob dois modos: O Septo e o pilar. O septo neste edifício assume função estrutural e ornamental e, assim como ocorre no edifício Sagarana, tem-se a desconexão entre duas partes que o compõem, tal desconexão acarreta em uma abertura não fenestrada, que permite a entrada de luz por este elemento de uma maneira particular, como se a luz desenhasse uma linha que corta o ambiente.

Relações topológicas

Dentre as características observadas destaca-se o uso dos três paradigmas analisados por Amorim nos edifícios do escritório. Seriam eles: O paradigma dos setores; O paradigma ambiental e o paradigma da forma, porém cabe destacar o protagonismo dos dois primeiros paradigmas, uma vez que o terceiro pode ser melhor observado em residências unifamiliares.

O paradigma dos setores é expresso nas plantas e volumetrias a partir dos arranjos metodológicos, sociais e espaciais. Desta forma, ao invés de portas separando os ambientes são os sutis indicadores de fluxo, como septos e estreitamentos que orientam os transeuntes no espaço. São os estreitamentos, a escala e a

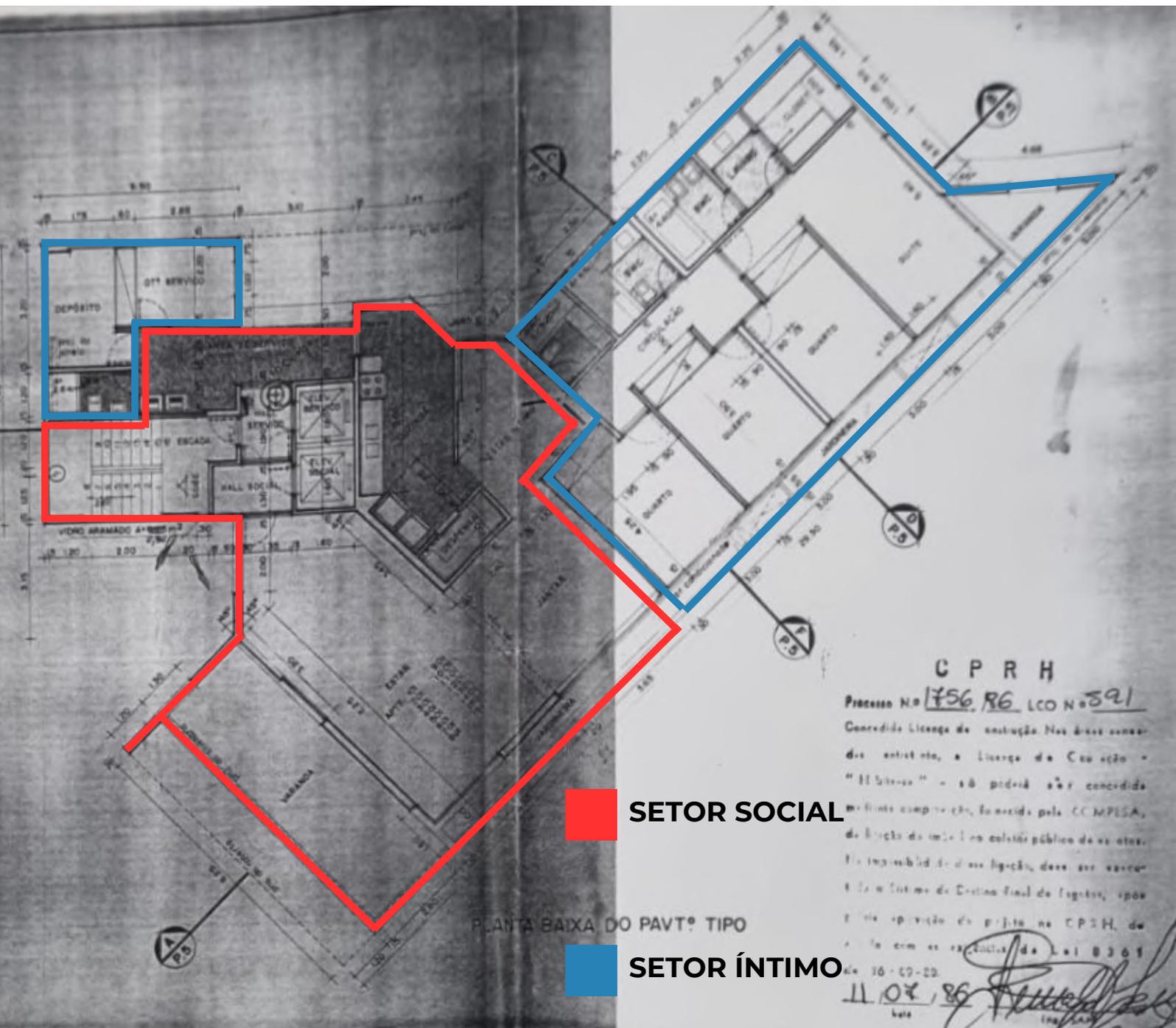


50. A luz que invade o ambiente a partir da desconexão

Fonte: Letícia Toscano, 2023

permeabilidade visual que demarcam assim um uso, ora mais íntimo, ora mais público para o espaço, “Estabelecendo uma relação fixa entre uso e espaço”.

Neste exemplo podemos observar o septo enquanto elemento de controle da permeabilidade visual, como também um outro septo ortogonal ao primeiro que indica um espaço de baixa permanência, neste caso a circulação. É possível perceber também, a mudança de escala dos espaços, sendo a sala de local de maior hierarquia, pois dá acesso a dois outros ambientes, à varanda e à sala de jantar, e portanto um local de maior proporção.



51. Esquema de diferenciação de setores
 Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste e sobreposta por Leticia Toscano, 2023

A partir do estrangulamento da sala de estar percebe-se a formação de dois setores na planta: O setor íntimo, em azul, e o setor social, em vermelho. No setor íntimo do apartamento se localizam os quartos e banheiros, como também a cozinha, são todos os ambientes em que houve a presença de

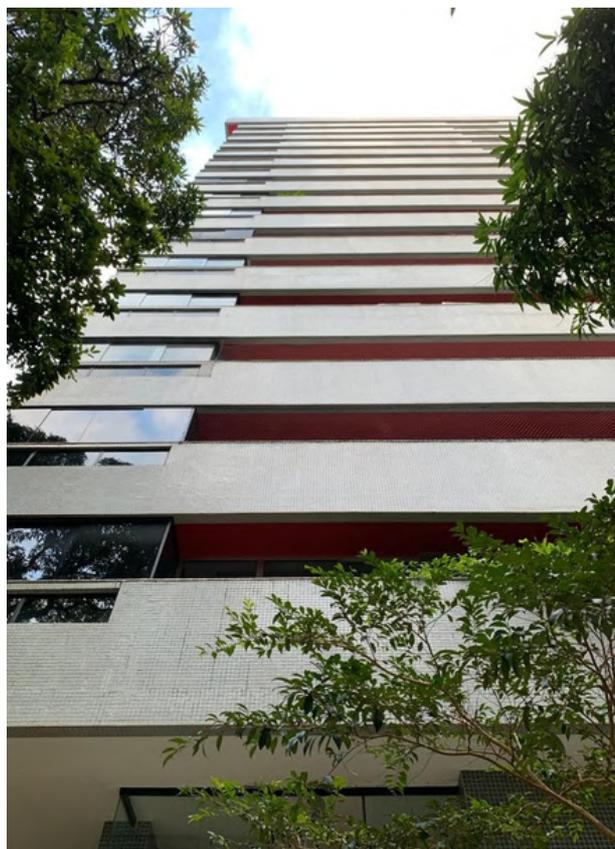
algum mecanismo de controle para se chegar nele. Já o setor social, em vermelho, se caracteriza por serem ambientes que se desenvolvem juntamente aos acessos e são responsáveis pelo acesso aos demais ambientes, possuindo assim um alto nível de conectividade.

Quanto ao paradigma ambiental pode-se dizer que surgiu de uma série de experimentos em função da melhor adaptação ao clima quente e úmido recifense. Tais como: O recobrimento das paredes com elementos cerâmicos, a proteção das esquadrias com elementos fixos ou móveis, como também a utilização de elementos que permitam a ventilação cruzada.

O ArqGrupo apresenta tais elementos em sua produção arquitetônica e se utiliza de tais artifícios para a criação de uma unidade estética. As jardineiras do edifício atuam enquanto elementos sombreadores da fachada, fazendo com que a luz não incida diretamente, diminuindo a temperatura interna do apartamento. Outro elemento pertencente a este paradigma seria os peitoris ventilados, que são pequenas aberturas abaixo das janelas, fenestrados ou não.

O apartamento desnudo

Por fim, houve a visita a um dos apartamentos do edifício, ambientado pela integrante Kátia Costa Pinto, onde é possível perceber a execução de uma ambientação não asséptica, e percebe-se carregada de elementos construídos por técnicas e artistas do Nordeste.



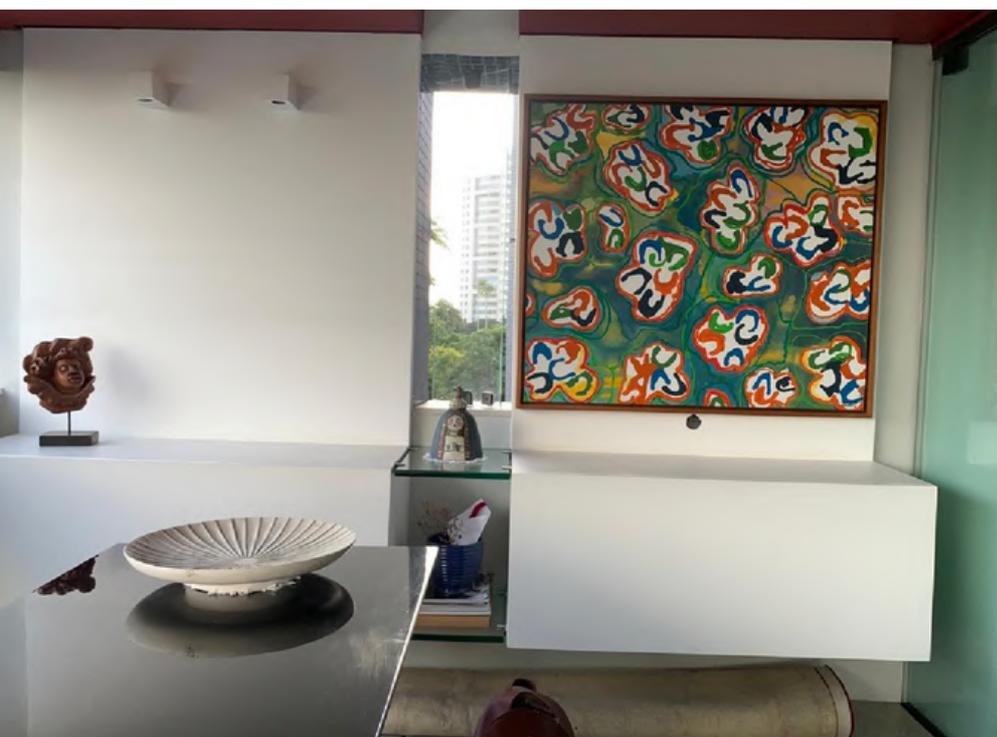
52. Peitoris ventilados
Fonte: Letícia Toscano, 2023



53. Quadro do artista Samico
Fonte: Letícia Toscano, 2023



54. Ambientação composta por cerâmicas múltiplas
Fonte: Letícia Toscano, 2023



55;56. Detalhe da iluminação em como continuação da janela ou do nicho
Fonte: Letícia Toscano, 2023



57. Os mobiliários, as tapeçarias e os itens decorativos
Fonte: Letícia Toscano, 2023

A ambientação proposta por Kátia parece enfatizar a força estética do edifício, como também atribuir uma dimensão afetiva ao local. Portanto, manteve-se a cor do forro original da varanda, em vermelho, como também incorporou-se um trilho de iluminação, embutido, em branco que parece ser a janela vertical refletida no teto, detalhe que se repete novamente na cozinha.

O apartamento desenvolve-se então com equilíbrio de mobiliários modernos, em contraste com tapeçarias e diversos itens decorativos, compondo assim uma ambiência, em que cada elemento desempenha um papel.

7. CONCLUSÃO

A partir das análises das trajetórias do escritório e das integrantes de forma isolada, pode-se concluir que a obra do ArqGrupo, elaborada entre os anos de 1975-2003, teve relevância para a construção da cidade do Recife como um todo, principalmente em relação à obra residencial multifamiliar.

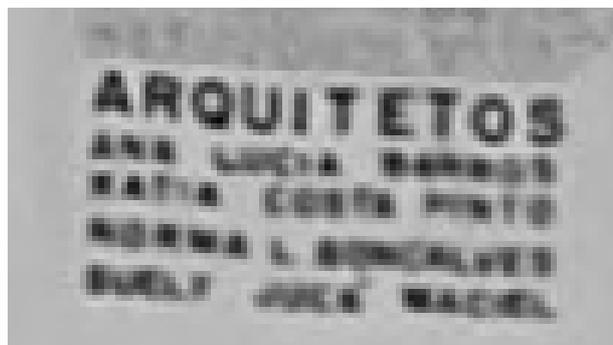
“Uma posição crítica é, necessariamente, liminar: pode-se ser ao mesmo tempo insider e outsider. Uma mulher que é arquiteta, por meio de uma combinação de seu gênero e profissão, está potencialmente nesta posição. Insider por sua educação, sua escolha por certas instituições profissionais; outsider por sua diferença. Suas experiências relacionadas ao gênero contêm bases para uma leitura crítica de certas operações arquitetônicas. Ela é capaz, e quase obrigada, a inventar a sua prática, e fazê-lo criticamente, de forma a por em xeque certos aspectos da produção da arquitetura.” (Hughes, apud Lima, 2013 p.24)

Percebeu-se também o processo de invisibilização das trajetórias das arquitetas e de suas personagens, pois mesmo que classificadas enquanto arquitetas excepcionais (GÁTI, 2021), exercendo múltiplas funções em campos diversos da arquitetura, tal diversificação não foi suficiente para que fossem tão destacadas quanto arquitetos e escritórios contemporâneos ao seu recorte historiográfico.

Além disso, observou-se que a implantação e adaptação de soluções já existentes no vocabulário moderno

pernambucano, que se mostram intrínsecas ao modo de construir regionalista. Sendo possível dessa forma alocá-las em um momento histórico e a partir disso a criação de relações ao momento de sua produção. Ao dividir sua obra em fases, percebe-se a versatilidade do escritório e sua resposta a cada momento histórico em que atuaram, evidenciando dessa forma, a síntese entre teoria e prática arquitetônica.

Por fim, percebe-se a necessidade de mais pesquisas que evidenciem os personagens perdidos na construção da cidade, para que se verifique a riqueza de soluções arquitetônicas e a aplicação de respostas outras aos mesmos momentos históricos.



58. Carimbo da prancha do projeto do Edifício Sagarana onde apresenta as integrantes enquanto arquitetos mesmo sendo todas mulheres, evidenciando sua condição de insider e outsider simultânea
Fonte: Planta disponibilizada pelo acervo da Regional Oeste, 2023

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, I. (2009). Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar. *PosFAUUSP*, (26), 148-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i26p148-167>

AMARAL, I. Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi Obras e projetos residenciais 1953-1970. [s.l.] UFRN, 2004.

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. Modernismo recifense: Uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 012.03, Vitruvius, maio 2001 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/889>>. Acesso em 27/05/2023

AMORIM, Luiz Manuel Eirado. FORMA E ESPAÇO: DA RELAÇÃO ENTRE COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA E CONFIGURAÇÃO ESPACIAL À LUZ DA “LEI DE AMORIM” *Oculum Ensaio*, vol. 16, núm. 2, pp. 311-333, 2019 Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo <<https://www.redalyc.org/journal/3517/351760257008/html/>> Acesso em 27/05/2023

GATI, Andréa Halász. Esposas: atuações em arquitetura, interiores e design. Porto Alegre, Anais IV Enanparq, 2016.

_____. Esposas: a consorte nas parcerias profissionais entre arquitetos. *Revista Arquitetas Invisíveis*, Brasília, v. II, 2018.

GÜREL, Meltem Ö; ANTHONY, Kathryn H. The Canon and the Void: Gender, Race, and Architectural History Texts. In: *Journal of Architectural Education*, 2006.

HEYNEN, Hilde. Genius, Gender and Architecture: The Star System as Exemplified in the Pritzker. KU Leuven University Library, February, 2013.

HEYNEN, Hilde and BAYDAR, Gülsüm (ed.) *Negotiating Domesticity: Spatial Productions of Gender in Modern Architecture*. Routledge, 2005

LIMA, Ana Gabriela Godinho. Gênero e processo de projeto. In: Onde estão as mulheres arquitetas? Seminário Internacional. São Paulo: Editora Monolito 2017 pp.48-51.

_____. Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX. São Paulo :Altamira Editorial, 2014. Disponível em :https://femininoeplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx_final.pdf

LOPEZ, D. A. R. MARINA WAISMAN: Lo moderno latinoamericanos en sus escritos. [s.l.] Escuela técnica Superior de Arquitectura de Madrid, 2022.

MARCONDES, M. J. (ED.). Seminário de Arquitetura Latino-americana e a construção de um pensamento crítico. [s.l.] UNICAMP, 2011. v. 513

MARQUES, Sonia. A ética habitante e o espírito do brutalismo. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 166.05, Vitruvius, abr. 2014 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.166/5142>>. Acesso em 20/08/2023

MOREIRA, Fernando Diniz; FREIRE, Ana Carolina de Mello. O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco. Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 129.04, Vitruvius, fev. 2011 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3749>>.

MCLEOD, Mary. Everyday and “Other” spaces. In: COLEMAN, Debra, DANTE, Elizabeth and HANDERSON, Carol. (editors) *Architecture and Feminism*, Princeton Architectural Press. 1996. Pp.1-37.

NASLAVSKY, G.. Arquitetura Moderna em Pernambuco 1945-1970. Uma Produção com Identidade Regional?. In: 5º Seminário Docomomo Brasil Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação, 2003, São Carlos. Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação. São Carlos: SAP/EESC/USP, 2003. v. CD-ROM. p. 1-11.

NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim*, (2004), 270p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

NASLAVSKY, G.. Escola Pernambucana ou Tradição Inventada? A construção da história da Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1945-1970.. In: 6o. Seminário DOCOMOMO-Brasil: Moderno e Nacional - Arquitetura e Urbanismo, 2005, Niterói-RJ. Anais 6º Seminário DOCOMOMO - Brasil: Moderno e Nacional- Arquitetura e Urbanismo. Niterói-RJ: Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFF, 2005.

NASLAVSKY, Guilah e VALENÇA, Maria Luiza Mariz Rocha. As “outras” do “outro”: pioneiras arquitetas no Nordeste brasileiro: migrações, gênero e regionalismo. In: DOCOMOMO BRASIL,13, 2019. Salvador. Anais ...Salvador: IAB. Departamento da Bahia, 2019. p.1-14.

NESBITT, K. UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA ANTOLOGIA TEÓRICA 1965 -1995. [s.l.] C O S A C N A IFY, 2008.

SÁ, F. C. Profissão: Arquiteta / Formação Profissional, Mercado de Trabalho e Projeto Arquitetônico. 2010. 199p Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Estruturas Ambientais e Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2010).

SEGAWA, H. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. [s.l.] Editora da Universidade São Paulo, 2010.

WAISMAN, M. O interior da história: Historiografia arquitetônica para o uso de latino-americanos. [s.l.] ESCALA S.A, 2011.

WRIGHT, Gwendolyn. On the fringe of the profession. Women in American architecture. In: KOSTOF, Spiro (dir.), The Architect. Chapters in the history of the profession. New York: Oxford University Press, 1977